

ÍNDICE

EDITORIAL	I
LANE, Sílvia T. Maurer - Psicanálise ou Marxismo: Dilema da Psicologia Social?	1
LANDA, Fábio - Notas sobre um Debate de Psicologia Social	6
SILVEIRA, Paulo - O Fetichismo da Mercadoria e a Psicanálise. Elementos para um Debate	8
BERLINCK, Manoel - Alexandre e seus Irmãos: Psicanálise de Pixotes?	17
SAMPAIO, Luiz Carlos S. - Psicologia Social. Um Personagem em busca de seu Autor	27
SANDLER, Paulo Cesar - Psicanálise e Materialismo Histórico: Da Libertação do Homem	- 32
ALMEIDA, Antonio Ribeiro de; MUCCILLO, Gerson; MELO, Lucy Leal de - Quem é o Brasileiro? Uma Exploração das características levantadas por Gilberto Freyre e Sérgio B. de Holanda	43
NOTICIÁRIO DA ABRAPSO	54
ESTATUTO DA ABRAPSO	57

ABRAPSO

ASSOCIACAO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL

Diretoria do Biênio julho 85/junho 87

Presidente: Angela Caniato

1º Secretário: Leila Maria Ferreira Salles 2º

Secretário: Dulce Helena Penna Soares 1º

Tesoureiro: Marly Lamb

2º Tesoureiro: Carmem de Oliveira Vice-

Presidente-São Paulo: Bronia Liebesny Vice-

Presidente-Sul: Brígido Vizeu Camargo

Endereço da Sede Nacional: Departamento de Psicologia de  
Maringá, Av. Colombo, 3.690  
87100 - Maringá-Paraná

Revista Psicologia e Sociedade é publicada semestralmente  
pela ABRAPSO com a colaboração do Centro de Ciências  
Humanas da PUCSP.

COMISSÃO EDITORIAL

Alberto Abib Andery

Yvonne Anatanaitis

Odair Furtado

Brônia Liebsny

Luis Carlos Sampaio

Artigos e Correspondências para Psicologia e Sociedade  
devem ser enviados para: Rua Ministro de Godoi, 1.029 sala  
326 - PUC-SP - 05015 - São Paulo S.P.

**EDITORIAL**

Passamos de Boletim a Revista semestral. Aqui vai o número 02 do ano de 1.986.

Os primeiros artigos apresentam algumas colocações feitas por conferencistas para o 6º Encontro Regional da ABRAPSO, em abril deste ano, em São Paulo. O tema geral abordado era: Psicanálise ou Marxismo: Dilema da Psicologia social? Infelizmente, não obtivemos todos os textos produzidos, mas os que abrem este número mostram o interesse do tema. Fecha um artigo avaliativo sobre esse Encontro escrito pelo colega da Redação da Revista, Dr. Luiz Carlos S. Sampaio.

Publicamos ainda neste número um artigo dos Professores Antonio Ribeiro de Almeida e outros, cujo título é sugestivo: Quem é o Brasileiro?

E ainda você vai ler notícias sobre a ABRAPSO. E, encerrando o número, um Documento para ser guardado: O novo Estatuto da ABRAPSO, aprovado em Assembléia anual da entidade, em Curitiba/PR, em julho de 1.986.

Só nos resta desejar Boa Leitura e Bom Proveito.

A Redação.

## **PSICANÁLISE OU MARXISMO: DILEMA DA PSICOLOGIA SOCIAL?**

Silvia T. Maurer Lane.

A história da Psicologia Social como ciência é bastante recente e desde as suas origens ela vive a ambiguidade de ser um ramo da Psicologia ou da Sociologia - daí as mais variadas denominações como Psicossociologia, Sociopsicologia, etc.

Recordo-me que em 1.957, quando instalávamos o CRPE, ao se organizar a biblioteca, tivemos uma acalorada discussão (entre psicólogos e sociólogos), se os livros de Psicologia Social deveriam ficar junto aos de Psicologia ou aos de Sociologia. E os argumentos de ambos os lados eram fortes - tanto e que não me lembro qual foi a solução dada.

Mas a própria história foi respondendo: ela avança enquanto estratégias de estudos e pesquisas nos Estados Unidos, dentro de sua tradição pragmática e individualista, vinculada basicamente à Psicologia, concebida como o estudo do comportamento humano que tem o seu início e fim no organismo essencialmente biológico.

Na Europa, podemos observar que enquanto a Inglaterra tende a acompanhar os EEUU, a França pende para um pensamento mais sociológico, incorporando basicamente os estudos sobre pequenos grupos (o que poderia ser considerado - por concessão - Psicologia Social). Paul Haubousse Bastide, quando em São Paulo, há uns anos atrás, narrava a estigmatização da Psicologia Social, a partir dos movimentos de 1.968, quando a única teoria psicológica acrita era a Psicanálise com toda a sua ortodoxia.

Na Alemanha, a tradição filosófica se manifestava nas elaborações teóricas na procura de grandes sistemas explicativos.

No final da década de 60 e, principalmente na de 70, o Laboratório de Psicologia Social de Paris VII, começa a produzir algumas análises críticas, ao lado de pesquisas tradicionais, descritivas, sob uma ótica marxista

e comprometidas com uma atuação partidária no P.C. - é o caso de Bruno, Poitou, Pecheux, Robert Pagés, entre outros. O que se observou foi um dogmatismo partidário que gerou a crítica, acabar por paralisar a produção científica.

Por outro lado, a tradição teórica promove grandes reflexões sem, porém, as pesquisas que lhe dêem consistência.

Porém, não podemos negar a influência positiva destes autores que, de algum modo, vieram de encontro às questões geradas pela própria realidade social vivida pela Psicologia na América Latina.

A insatisfação gerada pelo caráter ideológico da Psicologia norte-americana e pela "crise" de uma Psicologia Social funcionalista e positivista, que não dava conta de explicar o nosso cotidiano latino-americano, encontra nas reflexões críticas dos franceses a referência de que o pivô da questão estava na concepção de homem que vinha embasando a Psicologia.

E é nesta direção que o marxismo traz a sua primeira contribuição: o homem só pode ser concebido como produtor da História, e esta História, se concretizando na produção material e intelectual da vida em sociedade.

O homem assim concebido traz em si todo um processo de hominização ao longo da história da civilização, trás em se a história de sua cultura, dos modos de produção que gera as relações, a linguagem, etc. O Homem que é individualidades, nas suas especificidades, mas que também é totalidade histórico-social.

Cabe aqui mencionar a tentativa de Georges Politzer (fins da década de 20, início da de 30), em construir uma Psicologia Concreta em bases marxistas, o qual volta a ser lido avidamente à procura de pistas para uma psicologia materialista-histórica. Desta leitura ficam duas contribuições: a crítica à fragmentação da Psicologia e, conseqüentemente, do Homem, e a crítica aos fundamentos da Psicanálise, quando Politzer resgata a contribuição significativa de Freud no estudo do Inconsciente, como sendo uma elaboração em direção a uma Psicologia concreta.

Poderia mencionar uma terceira contribuição, que é a ênfase que ela dá à narrativa - que hoje percebemos o quanto ela é fundamental na compreensão do ser humano.

Ainda se poderia citar os trabalhos de Bliger, procurando os vínculos entre psicanálise e marxismo; os de Lucien Seve, em torno de personalidade, e outros, cada um a seu modo contribuindo para um aprofundamento crítico na questão da Psicologia Social.

Porém, a contribuição mais sistemática numa linha marxista foi feita por Leontiev, com base em pesquisas e experimentos, saindo de uma mera releitura marxista do que se produzia em psicologia, para uma elaboração teórica em torno de três categorias fundamentais: a consciência, a atividade e a personalidade. E, do pressuposto que toda a Psicologia é Social.

Não é o caso de nos aprofundarmos na análise destas categorias, cabendo apenas ressaltar a importância dada à linguagem e ao Pensamento (herança de Vogtski) na mediação entre consciência, atividade e personalidade.

Se a atividade pode ser alienadora, e pelo fato também de estar acompanhada pela ideologia embutida nos significados das palavras (historicamente elaborados e normatizados pela classe dominante que detém a hegemonia do saber). É narrativa, o discurso individual que irá permitir, através da análise, captar o movimento da sua consciência.

Temos priorizado o estudo da consciência através do discurso, o qual permite resgatar também o relato de atividades, assim com a própria identidade - enquanto consciência de si - as pesquisas têm apontado a identidade como uma categoria e nos parece, no momento, mais consciente que personalidade, por seu caráter dinâmico no conjunto das relações sociais que definem o indivíduo.

Porem, esta ênfase na questão da consciência tem suscitado por parte de alguns estudiosos o rótulo de "cognitivista"- o qual não aceitamos, pois entendemos que consciência não exclui o inconsciente, muito pelo contrário.

Quando analisamos a questão a partir do prisma da alienação, temos observado que o que chamamos de "aliena-

ção mental" ou social" se processam de maneiras semelhantes , sugerindo um processo inconsciente que ocorre , seja através da ideologia, seja através dos chamados mecanismos de defesa, ambos distanciando e imobilizando o homem na sua realidade concreta, e ambos trazem no seu âmago emoções fortes e contraditórias.

Vale a pena observar que a ideologia que se institucionaliza super estruturalmente, não é a que necessariamente observamos no discurso individual - é, antes, a sua lógica e seus valores que se reproduzem a nível individual.

O fato de priorizarmos a consciência, pode ser justificado, parodiando kimer que partimos do aparente (superficial) para chega o profundo - que está contido no aparente, mas não facilmente captado pelas nossas técnicas de análise. O inconsciente com seus conteúdos históricos e, possivelmente ideológicos, tem uma relação dialética com o consciente, perceptível através da análise de discursos quando esta aponta para contradições, seja na fala, seja entre a fala e a ação.

Acreditarmos que dentro da psicanálise existem contribuições significativas nesta direção - basta lembrar de Lacan e a importância que ele atribui á linguagem, na análise do inconsciente através das metáforas e metonímias.

Também a leitura crítica que Deleuze e Guattari fazem de Freud - o resgate do inconsciente histórico e de desejos. A concepção de homem de Moreno na sua proposta terapêutica vem de encontro á nossa abordagem, e por que não dizer também de Jung, com sua visão cósmica do homem.

O que a ciência, para avançar, não tolera é o dogmatismo, a verdade absoluta. Se nos atermos á ortodoxia freudiana, então as partículas ou (Psicanálise ou Marxismo) é necessária, porém se aceitamos como desafio o conhecimento do ser humano em toda a sua complexidade, e com todo o seu potencial criativo, que é manifestação da totalidade histórica e transformador de sua realidade, não podemos negar o inconsciente sempre presente com toda a energia emocional nele contida - então esta partícula ou não cabe.

Quando vemos no materialismo dialética a superação da contradição entre objetividade e subjetividade, diríamos que tanto o behaviorismo quanto a psicanálise têm contribuições importantes que devem ser retomadas num outro nível de análise - numa outra dimensão do homem.

O importante é aceitarmos os desafios e pesquisarmos sempre - algumas pistas já estão surgindo.



**NOTAS SOBRE UM DEBATE DE PSICOLOGIA SOCIAL**

DR. Fábio Landa.

Nestes apontamentos, quer me referir a um tema que foi ventilado e debatido naquela ocasião: a oposição entre social e individual.

A oposição entre individual e social é tomada e desenvolvida como real e existente, a partir de uma abordagem distorcida e superficial do que é visto "latu sensu" , como trabalho coletivo e o trabalho, por exemplo: do psicanalista, que é visto como trabalho com um indivíduo.

De um lado, pode-se supor a premência de que "alguma coisa deve ser feita já" e, de outro, uma certa atitude defensiva de que "você não me entende, mas eu estou fazendo". Ambas as posições têm a seu favor a percepção do impacto que causa as ofensas graves e sistemáticas contra tudo e todos, uma intensa negatividade da realidade presente, e daí uma certa posição de resistência contra a destruição, que como num dos filmes de Bergman, aparece figurada com o surgimento de animais cruelmente mortos todas as manhãs na praça de uma aldeia (pior é quando todas as manhãs surgem cadáveres humanos na praça da cidade).

Alguma coisa deve ser feita já se prolonga em quem faz, o que faz, como faz, porque faz, para que faz. O esquecimento é quanto custa. O que se verifica muitas vezes e que, durante algum tempo, sem se ter alguns referenciais claros, é possível desenvolver um certo sacrifício que, afinal, tem pouco fôlego. A ilusão de que se está trabalhando para o outro, é a ilusão filantrópica que, com um pouco de boa vontade e tolerância, tudo vai ficar bem. E, concretamente, termina por originar um certo ceticismo e burocratismo.

Talvez tenhamos que admitir que nos defrontamos com alguns problemas bastante sérios: drogas, violência, infância marginalizada etc. - são alguns elementos de uma colagem que e inevitavelmente angustiante. A observação empírica aqui é de grande valia, não só para as questões e seus determinantes, como para obter e entender os recursos para intervir e desenvolver.

Diante da magnitude e profundidade dos problemas com que nos defrontamos, se impõe como tema fundamental a questão da formação do profissional.

A visão arbitrária da oposição entre individual e social cede quando verificamos que o bebê humano, ao contrário das crias de todas as outras espécies, depende integralmente para sua sobrevivência, dos adultos, de tal modo que é impensável um bebê humano abandonado a si mesmo que sobreviva. Depende desde o nascimento da teia de relações sociais que estabelece para continuar vivendo. Estamos vivos porque somos sociais. Quando se examina um indivíduo estamos absolutamente no campo de exame de uma teia social complexa. Como queria Freud, não há nada dentro de um que alguma vez não tenha estado fora, e não há nada fora que não sofra a influência de dentro.

É pouco provável que após quase um século, o psicanalista não tenha aprendido nada e não tenha alguma coisa a dizer. Possivelmente, a partir do seu laboratório, o contexto analítico clássico, tenha aprendido algo e algo que possa ser transmitido como uma contribuição; já se tentou antes, W. Reich, E. Fromm, etc. Pode ser que algum texto possa extrapolar o seu contexto de origem e adaptar-se e transformar outro contexto. É menos provável ainda que a partir da psicanálise não se possa obter alguma referência a despeito do que fazer, como fazer, etc.

Uma barreira histórica recente, mas profundamente arraigada, é a herança dos anos 40, quando a psicanálise foi vista e se viu como parte do campo anti-progressista, anti-desenvolvimentista, anti-socialista. O que e não captar e reconhecer, mas temer o incômodo revolucionário de seus conteúdos e, de outra parte, neutralizar-se a si mesma.

A psicanálise contribui para que se possa observar e para que se possa aprofundar e intervir no fenômeno observado. Talvez possa ter seu lugar como um contribuinte não só como resistência á destrutividade, mas como colaborador da construção.

## O FETICHISMO DA MERCADORIA E A PSICANÁLISE

(Elementos para um debate)\*

Uma das preocupações centrais da obra de Marx é o desvendamento dos elementos constitutivos fundantes do regime capitalista de produção.

O resultado de seus estudos o leva a considerar que um desses elementos fundantes é o surgimento histórico da figura do trabalhador livre. Esta figura é condição mesma da possibilidade do capital, isto é, de uma bem determinada relação social, uma relação entre classes sociais, que se estabelece ao nível do processo de produção, mas que tem como corolário a prévia possibilidade de existência de um mercado de compra e venda de força de trabalho, no qual o trabalhador se determine como trabalhador livre, no sentido aqui de ser ele mesmo proprietário de sua força de trabalho e também apenas dela. O processo histórico - nada idílico - da constituição dessa figura do trabalhador livre, Marx vai denominar de acumulação originária do capital.

Contudo, a existência de um mercado de compra e venda da força de trabalho, isto é, no qual a força de trabalho se determine como mercadoria, não pressupõe que a figura de seu possuidor seja, ao mesmo tempo, proprietário. Mais claramente: sob o regime escravista também existia um mercado de compra e venda de força de trabalho. Nele, o escravo é possuidor de sua força de trabalho, mas não seu proprietário, isto é, não determina como trabalhador livre.

Torna-se necessária, pois, uma nítida distinção de determinações específicas entre essas duas formas históricas-

---

\* Este texto ligeiramente modificado foi apresentado em abril no Seminário "Psicanálise ou Marxismo: dilema da Psicologia Social", promovido pela ABRAPSO e, em julho, no "Encontro sobre questões teóricas, ideológicas e metodológicas da Psicologia na América Latina", realizado na Universidade de Havana.

cas da mercantilização da força de trabalho, entre o trabalho cativo e o trabalho livre, entre o escravo e o trabalhador assalariado.

No caso do escravo, "ele é vendido, com sua força de trabalho, de uma vez para sempre, a seu proprietário. Ele mesmo é uma mercadoria, mas sua força de trabalho não é sua mercadoria".(1) Ou seja, dessa disjunção entre a posse e a propriedade da força de trabalho resulta que a pessoa do trabalhador seja implicada como mercadoria, o escravo como coisa, etc., etc. (2)

Com o trabalhador livre ocorre o contrário, ele se determina como proprietário de sua força de trabalho, esta é sua mercadoria, e ele só a vende por uma quantidade de tempo determinada, digamos por tantas horas por dia.

Seria mais rigoroso até pensar que o operário não vende sua força de trabalho, mas a aluga.

Nestes termos, não é a pessoa do trabalhador que é uma mercadoria, mas sim sua força de trabalho. Abre-se, desse modo, uma disjunção entre a sua pessoa, na sua individualidade corpórea e psíquica, e sua força de trabalho.

Do ponto de vista histórico, econômico e jurídico, essa distinção entre o trabalho cativo e o trabalho livre, entre o escravo e o operário, é justa.

Entretanto, se essa distinção não for considerada nos precisos termos em que foi estabelecida, ela pode obscurecer a inteligibilidade dos fenômenos que se passam no terreno do imaginário social, ou mais precisamente, no da ideologia.

Se histórica, econômica e juridicamente a mercadoria força de trabalho não se confunde com a pessoa do tra-

---

(1) K.Marx, "Trabalho assalariado e capital", in: Obras Escolhidas, vol.1, Editorial Vitória, Rio de Janeiro, 1961, p. 63.

(2) Uma sugestiva análise a respeito é feita por Maria Sylvia Carvalho Franco, em "Organização Social do Trabalho no Período Colonial", Discurso, nº 8, São Paulo, maio de 1.978.

balhador livre, contudo essa mercadoria, a força de trabalho, na medida em que se constitui num conjunto de disposições e de habilidades envolvendo cérebro, músculos, nervos etc., ela se determina como uma das dimensões constitutivas da pessoa do trabalhador, da sua individualidade corpórea e psíquica. E há de se convir que não se trata de uma dimensão pouco importante.

Assim, se é justo dizer que o trabalhador, sob o capitalismo, não é uma mercadoria, é necessário também levar em conta que, a sua pessoa, na medida em que esta é inseparável de sua mercadoria, sua força de trabalho, está profundamente implicada à forma mercadoria.

De um modo mais geral, estas precisões significam que a própria questão da individualidade, corpórea e psíquica, sob o capitalismo, situa-se numa basculação dialética inexorável entre as determinações da pessoa e da mercadoria, da pessoa e da coisa.

Uma leitura isolada e menos atenta do fetichismo da mercadoria, tal como foi analisado por Marx, pode levar a supor que o fetichismo de que se trata é restrito exclusivamente ao plano social e mais ainda que se refere apenas às mercadorias mais tangíveis, como um automóvel ou uma cadeira. E quando muito, nós outros indivíduos/pessoas/ sujeitos, por pressuposição, portanto, desde sempre, nos "arriscamos" a travar relações reificadas somente quando assumimos posições sociais que são desdobramentos da forma mercadoria, ou, o que é o mesmo, das formas que decorrem do movimento do capital, como por exemplo, as de comprador, vendedor, produtor, capitalista, rentista, consumidor etc.

Entretanto, o fetichismo da mercadoria tem uma extensão muito maior e mais complexa. Ele se refere também a essa mercadoria tão especial, que é a força de trabalho e, portanto, a essa basculação dialética entre a coisa e a pessoa em que está envolvida a questão da individualidade.

Esta questão da individualidade e sua articulação com a reificação das relações sociais é abordada por Marx num pequeno item dos GRUNDRISSE, denominado "O dinheiro como relação social".

Neste texto Marx considera que a possibilidade do surgimento da individualidade na história é posta pela primeira vez pelo capitalismo. Com efeito, para ele, nas formas de produção que antecedem o capitalismo, os indivíduos" sempre foram indivíduos determinados: escravo, senhor, vassalo, membro de uma casta, etc., etc. Ou seja que essas determinações histórico-sociais impunham rígidos limites ao desenvolvimento da livre individualidade.

Por um ângulo diferente, considera que nestas formas pré-capitalistas, a natureza ainda é pensada como extensão inorgânica dos indivíduos isto é que independentemente da existência de exploração econômica e de dominação política nestas formas sociais, as condições de sobre vivência e de reprodução permaneciam mais ou menos garantidas. No capitalismo, ao contrário, esses laços umbilicais com a natureza são cortados, a natureza passa a se antepor aos homens como seu outro, como capital. Esse é outro dos significados da noção de trabalhador livre, isto é, um sujeito desapossado de qualquer meio de produção; o "indivíduo nu", que tem como única alternativa para sua sobrevivência e reprodução a venda de sua força de trabalho, de sua única mercadoria, que se materializa mesmo em sua individualidade corpórea e psíquica.

Assim, pois, se o capitalismo põe historicamente a possibilidade do desenvolvimento de uma individualidade livre, este mesmo desenvolvimento é impensável sem as vicissitudes implicadas pela presença permanente da necessidade da venda de si mesmo, ou como disse antes, sem aquela basculação dialética entre a coisa e a pessoa em que a nossa individualidade se radica.

A propósito do fetichismo da mercadoria sintetiza Marx: "O misterioso da forma mercadoria consiste simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas, metafísicas ou sociais.(...)[no mundo da religião] os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida próprias, figuras au-

tônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere nos produtos do trabalho". (3)

Este "reflete aos homens" a que alude Marx, é o resultado de um duplo movimento constituído de 2 momentos: o 1º projeção no objeto (no caso, a mercadoria), e o 2º de introjeção do objeto; mas já nesse segundo momento, o objeto retoma aos sujeitos dotado, impregnado, marcado por qualidades e características "objetivas" e que portanto, são tomadas como próprias do objeto, mas que no entanto, não são senão o efeito das projeções dos próprios sujeitos.

Indiscutivelmente, o processo mesmo no qual se fundamenta o fetichismo da mercadoria, guarda uma similitude muito grande com inúmeros processos que são específicos da teoria psicanalítica; dos quais talvez possam ser destaca dos aqueles relacionados aos processos identificatórios.

No mesmo texto, um pouco mais adiante, Marx afirma: "Portanto, os homens relacionam entre si seus produtos de trabalho como valores não porque consideram essas coisas como meros envoltórios matérias de trabalho humano da mesma espécie. AO contrário. Ao equiparar seus produtos de diferentes espécies na troca, como valores, equiparam seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Não o sabem, mas o fazem por isso, o valor não traz escrito na testa o que ele é. O valor transforma muito mais cada produto de trabalho em um hieróglifo social mais tarde, os homens procuram decifrar o sentido do hieróglifo, descobrir o segredo de seu próprio produto social, pois a determinação dos objetos de uso como valores, assim como a língua, é seu produto social. A tardia descoberta científica, de que os produtos do trabalho, enquanto valores, são apenas expressões materiais do trabalho humano dispendido em sua produção, faz época na história do desenvolvimento da humanidade, mas não dissipa de modo algum a aparência objetiva das características sociais do trabalho". (4)

---

(3) O Capital, vol.I, Abril Cultural, SP, 1983, p.71.

(4) O Capital, ob.cit., p. 72 (grifos meus).

Nesse excerto, caberia um duplo destaque: 1º ao caráter inconsciente do fetichismo aderido á forma mercadoria(5) e, 2º, que mesmo o conhecimento científico da produção mercantil "não dissipa de modo algum, a aparência objetiva das características sociais do trabalho", também atenta para o caráter inconsciente do fetichismo da mercadoria, mas o leva mais adiante, indicando uma cisão, uma ruptura, entre o saber teórico, consciente, e um fazer, um agir que e articulado pela aparência objetiva, refletida pela forma mercadoria. Denota, pois, uma certa ancoragem do fazer e do agir e, portanto, da própria atividade prática, que faz com que esta seja isolada, separada do saber teórico e consciente.

E continua Marx: "(...) a forma de caráter de valor dos produtos de trabalho, parece aqueles que estão presos ás circunstâncias de produção mercantil, antes como depois dessa descoberta científica, tão definitivo quanto a decomposição científica do ar em seus elementos deixa perdurar a forma do ar, enquanto forma do corpo físico".(6)

Estas últimas considerações de Marx desdobram sua fórmula anterior: "não o sabem, mas o fazem", aproximando-se mais de uma fórmula que se tornou recentemente de uso corrente na teoria psicanalítica. A fórmula de O. Mannoni: "bem sei, mas mesmo assim".(7) Fórmula que não por acaso refere-se aos dispositivos que correspondem á estrutura do fetichista.

Não estou propondo aqui uma aproximação apressada entre a teoria do fetichismo da mercadoria formulada por Marx e a teoria do fetichismo concebida por Freud. O objetivo e mostrar que uma análise acurada dessas duas teorias pode revelar um campo possível para uma articulação entre a teoria marxista e a teoria psicanalítica.

---

(5) Devo esta sugestão ao Dr. Fábio Landa . (6) O Capital, ob.cit., p. 72 (grifos meus).

(7) O. Mannoni, La otra escena. Claves de 1º imaginário, B.A., Amorrortu, 1.980.



A essas últimas considerações, mais ou menos formais, da ordem dos mecanismos e dispositivos que envolvem o fetichismo da mercadoria, deve-se enfatizar os aspectos discutidos anteriormente relacionados ao fato de que esse fetichismo concerne também à mercadoria força de trabalho, ou seja, de que se trata de um fenômeno que atinge a própria constituição da individualidade sob o capitalismo. Uma análise aprofundada desse último ponto, se não evoca a constituição de estruturas psíquicas específicas à sociabilidade capitalista, pelo menos parece indicar que essa mesma sociabilidade possa favorecer, reforçar e revitalizar determinadas configurações psíquicas.

Imediatamente antes de proceder à análise sobre o fetichismo, quando está discutindo a necessidade de uma mercadoria exprimir seu valor no valor de uso de outra, que enquanto expressão de valor, esta última mercadoria vale como corporificação de valor, como corpo de valor, Marx faz uma interessante analogia: "De certa forma, sucede ao homem como à mercadoria. pois ele. não vem ao mundo nem com um espelho, nem como um filósofo fichtiano: eu sou eu, o homem se espelha primeiro em outro homem. Só por meio da relação com o homem Paulo, como seu semelhante, reconhece-se o homem Pedro a se mesmo como homem. Com isso vale para ele também o Paulo, com pele e cabelo, em sua corporalidade paulínica, como forma de manifestação de gênero humano". (8)

Essa analogia feita por Marx suscita processos que a teoria psicanalítica situa no campo das identificações.

Estas identificações, ou melhor, os processos identificatórios realizam-se fundamentalmente no riquíssimo momento denominado de processo secundário, que é o momento da estruturação psíquica, quando se constituem o superego, os ideais do eu, e se realiza a própria estruturação do eu.

Nos processos identificatórios é particularmente importante a maneira pela qual o imaginário, já presente nas fases ou momentos precedentes, se articula ao simbólico, que é condição do processo secundário.(9)

---

(8) O Capital, ob.cit., p. 57.

(9) Piera Aulagnier, A Violência da Interpretação, Imago, Rio de Janeiro, 1.979, p.163.

O representante por excelência desse simbólica que e o suporte da função simbólica, é o pai. Este, para além de suas vicissitudes atuais e que, de resto, se articulam aquelas de sua própria passagem pelo processo secundário, isto é, pelo Édipo, traz consigo, na sua individualidade corpórea e psíquica, o atributo de proprietário que lhe foi adjudicado pelas condições histórico-sociais: a sua força de trabalho, sua mercadoria. Tem que se haver, pois, o pai, também com a basculação dialética entre as determinações da coisa e da pessoa.

Parece evidenciar-se aqui uma possibilidade de articulação entre as relações sociais existentes e a estruturação psíquica dos indivíduos.

Uma das dimensões da figura do pai nesse processo de estruturação, e que já foi estudada por tantos, é a de veicular, através de suas próprias projeções e, portanto, de seus ideais, a normatividade social. Fenômeno que decorreria de seu papel na formação dos próprios ideais da criança.

Marcuse, por um outro ângulo, vai mais longe ainda quando considera o próprio princípio de realidade sob o capitalismo, como princípio do desempenho, do que resulta, para ele, um alinhamento do desempenho erótico ao desempenho social.(10)

Articulado a estas análises, o fetichismo da mercadoria, tal como vínhamos analisando, poderia se constituir numa das formas de incorporação do social pelos sujeitos através dos processos identificatórios. De tal maneira que se poderia inclusive pensar na constituição de constelações psíquicas específicas, estruturadas á base da introjeção desses elementos sociais heterogêneos. Com essa introjeção poderia instalar-se um dispositivo psíquico através do qual o Sujeito projetaria nos objetos seus próprios ideais de ego relacionados à sua autovalorização (como pessoa ou como coisa?), e que, em retorno, refletiriam sobre o sujeito como atributos aderidos ao próprio objeto.

---

(10) Herbert Marcuse, Eros e Civilização, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1.968, p.59.

No fetichismo da psicanálise de que trata Freud, os atributos projetados pelo fetichista são encarnados na própria coisa material, ou em partes do corpo, o que dá no mesmo. Na hipótese que propomos o fetichismo poderia se ancorar também nas determinações pendulares entre a coisa e a pessoa, entre o sujeito e o objeto, entre uma individualidade supostamente livre e as determinações inerentes à mercadoria força de trabalho.

Talvez uma ilustração radical desse fenômeno psíquico seja o daquelas pessoas que de certa forma articulam seu desejo, a indivíduos ou grupos que alcançando um sucesso socialmente reconhecido, exercem sobre aquelas um extraordinário fascínio. É o caso, por exemplo, de certos cantores ou grupos ligados à música popular. Uma das hipóteses de explicação desse tipo de fenômeno é de que o simbólico, representado pela figura do pai, é, neste caso, fantasmaticado, o que significaria sua subsunção ao imaginário. Em termos das instâncias psíquicas poderia significar uma aliança de um superego fragmentário e alienado às dimensões mais arcaicas do id.(11)

Retomando a analogia que Marx faz entre a necessidade de uma mercadoria expressar o seu valor no valor de uso de uma outra, no corpo de valor, vemos que talvez pudesse ir mais longe; não se trata apenas da necessidade que o homem tem de se espelhar em outro para identificar-se como sendo do gênero humano. Pode tratar-se também, tal como ocorre com a mercadoria, de sujeitos que necessitam expressar o seu "valor" no "corpo de valor", no "valor de uso" de outros.

Estas tentativas de articulação, aqui apenas aludidas, entre a teoria marxista do fetichismo e a teoria psicanalítica, poderão servir de sugestão a investigações que tenham por pressuposto possíveis compatibilizações entre essas duas teorias que constituem marcos notáveis na história do conhecimento no campo das ciências humanas.

Paulo Silveira.

---

(11) Massimo Canevacci, A Antropologia do Cinema, Brasiliense, São Paulo, 1.984, p.15.

**ALEXANDRE E SEUS IRMÃOS: PSICANÁLISE DE PIXOTES? \***

*Manoel Tosta Berlinck.*

Psicanalista

Desejo iniciar estas palavras fazendo referência a alguns aspectos de minha prática como terapeuta com menores abandonados, referindo-me fundamentalmente a alguns fatos ocorridos em uma sessão para, a partir daí, passar a outras questões.

Durante três anos. (1979-1981), realizei uma tentativa de terapia de rua com menores delinquentes, primeiro em Osasco e, depois, em Campinas. O grupo de meninos de Campinas que vivia na favela de Vila Progresso - nome que escolhi para designar o bairro de classe media, construções novas, localizado na periferia da cidade em cujo coração se encontra a favela: uns 60 barracos equilibrados numa ribanceira - era conhecido como "O bando do Alemão".

O "terrível Alemão" como assim era conhecido e chamado pelos moradores da favela era um garotinho que dizia ter 11 anos, mas que possuía um corpo que não iria além dos nove. O "bando do Alemão" - que descobri ter o nome de Alexandre - era em boa parte composto por seus 6 irmãos mais velhos e uma irmã de 14 anos, todos muito magros, com dentes cariados e roupas surradas, mal disfarçando fome crônica. Alexandre e seus irmãos não tinham pais (o plural se justifica porque não eram filhos do mesmo homem). Viviam com sua mãe, que havia encontrado na prostituição disfarçada a sua forma de vida, e que estava convencida que nada podia fazer por seus filhos, ou melhor, afirmava, meio sem jeito, que seus filhos eram uns perdidos, que não tinham mais solução e não havia quem pudesse com eles. Quando, uma vez, perguntei a essa mulher o que significava ter um filho, respondeu: "cada filho que tenho e mais um estômago para eu sustentar, é mais uma boca pra eu alimentar, e mais uma preocupação...".

---

\* Agradeço a Maria Cristina Magalhães as sugestões e observações na elaboração deste trabalho. Ele foi escrito para ser apresentado nas Jornadas "En la transición a la democracia: síntomas sociales" patrocinado pelo Servicio Paz Y Justicia en America Latina, B.Aires, 17/nov./1985.

O encontro que desejo narrar começa com minha chegada na favela trazendo um saco de argila. Alexandre está com um de seus irmãos, sentado no meio-fio, em frente ao barraco onde mora. Após nos cumprimentar-mos, sento-me ao seu lado e permaneço algum tempo em silêncio. Alguns minutos, talvez, porque sei que nem Alemão nem seu irmão falam. São sempre silenciosos. Quando falam, dizem frases muito curtas e, muitas vezes, sem nexos.

O irmão de Alemão é torcedor do São Paulo Futebol Clube e aí nos encontramos. Digo: "Então são paulino, como andam as coisas?". "Bem", diz ele. Olha para a argila e me pergunta: "Posso pegar um pouco", "Claro", digo abrindo o saco plástico. Tira um pedaço de argila e começa amassá-la com as mãos. O silêncio se restabelece. De pois de algum tempo, Alemão que se mantinha quieto e silencioso numa posição um tanto deprimida, meteu a mão no bolso e tirou umas figurinhas, começou arruma-las no chão. Aí eu disse: "Você é bom no bafo?". Fez um gesto, como a dizer "Não me importo". Silêncio.

Alemão: - "E você sabe jogar?"

Eu: - "Acho que sei. Arrume aí".

Arrumou as figurinhas e eu bati. Algumas viraram.

Ele me olhou com um olhar de espanto e admiração. Juntou as figurinhas e me deu para arrumá-las. Eu as arrumei, ele bateu e as figurinhas não viraram. Até bati e elas permaneceram imóveis. Nesse intervalo, Alemão arregaçou a manga de sua camisa, preparando-se para bate. Foi aí que vi que a parte interna de seu punho direito tinha umas quatro ou cinco marcas de queimaduras arredondadas. Imediatamente pensei que aquilo poderia ser uma tortura com cigarro. E perguntei:

- "O que é isso?"

- "Mosquitinhos" - disse ele.

Peguei sua mão e olhei mais de perto, pois as marcas não me pareciam mordidas de mosquito. E disse:

- " Isso não é mordida de mosquito".

Ele me olhou como se eu fosse meio bobo e disse:

- "Não". "São queimas de fósforo".

Foi então que me lembrei de uma brincadeira infantil na qual as crianças encostam na pele cabeças de fósforos em brasa e deixam para ver quem aguenta mais tempo. Aí disse:

- "Como foi isso?"
- "Uma brincadeira".
- "E como foi?"
- "Ah Tinha uns moleques e a gente começou a brincar, prá ver quem era o bão".

Dizendo isso, Alexandre juntou as figurinhas, botou-as de volta em seu bolso e desdobrou a camisa; pegou um pouco de argila e começou amassar o barro. O silêncio se fez. Voltei minha atenção para o irmão de Alexandre, que fazia uma serie de "cobras" com o barro e as havia colocado no chão. Perguntei-lhe: "O que você está fazendo?" Ele disse: "uma casa". Repeti : "uma casa?" Eu disse: "Mas será que essa casa pára de pé?". "Claro. Quer ver?". E começou a tentar botá-la de pé sem sucesso. Enquanto isso, Alexandre produzia um objeto com o barro. Perguntei: "E você, o que você está fazendo aí?". "Uma televisão", disse o menino. "E o que passa na sua TV?". "Anúncios... anúncios de comida". Aí eu disse: "Sabe o que acho, que sua TV parece uma barriga ... cheia de comida". Ele me olhou e disse: "É". Aí falei: "E você tá com fome? A sua TV tá vazia?". "Não ... eu comi alguma coisa lá em casa". Voltei a falar: "E, sabe, acho também que a sua TV tem que ver com as queimaduras de seu braço". Ele ficou me olhando como se eu tivesse dito uma asneira. Acrescentei: "ser bão talvez queira dizer, também, não dar trabalho prá sua mãe... se tivesse bastante comida, né?" Ele aí me olhou com outros olhos... levantou-se e saiu correndo - como se estivesse com "fome de bola" - em direção a um grupo de meninos que batiam bola perto de onde estávamos. Seu irmão, cansado de tentar pôr de pé aquela estranha casa, saiu atrás dele, sem me darem tempo de falar sobre um sonho que Alexandre havia me contado em nosso encontro da semana anterior. Tratava-se de uma perseguição por uma enorme cobra. Alexandre corria e corria, mas não conseguia escapar da cobra que o perseguia. Gostaria de ter dito para Alexandre que talvez a cobra de seu sonho tivesse que ver com as queimaduras em seu punho.

Mas ele tinha ido embora e era hora também de partir.

Naquela época, pensava sobre a relação entre imagem corporal e cidadania.

Pensava que apesar de fazermos parte duma nação, seria um equívoco dizer que por isso somos cidadãos. Isso porque a cidadania é conjunto de relações que mantemos com o Estado e demais membros dessa nação da qual fazemos parte, quer seja por nascimento, quer seja por adoção. As relações que mantemos com os outros são, por sua vez, eminentemente legais (ou ilegais, quando códigos existentes são transgredidos por uma ou ambas as partes), isto é, são relações políticas. Para que possamos manter relações políticas e necessário, portanto, que possamos ter uma representação - a da lei -, ou seja, a realidade como um campo estruturado. É claro que não nascemos com essa idéia. Na verdade, a lei é representação que se impõe sobre uma totalidade, visando distingui-la e ordená-la. Ao definir o que é proibido e o que é permitido, a lei separa e distingue partes da uma totalidade, dando-lhe organização. Mas essa idéia só se constitui sobre campo propício e adequado. O corpo é o campo no qual a lei incide, constituindo-o e constituindo-se. Quando se tem imagem totalizada e organizada do próprio corpo, a incidência da lei separa, distingue e só assim é possível manter-se íntegro. A lei esclarece os limites do corpo, que, dessa forma, vive essa complexa experiência que alguns chamam de constituição do sujeito.

A representação fragmentada do corpo e propiciada pela arbitrariedade. Assim, a breve história de Alexandre é uma sucessão de arbitrariedades: é tratado pela mãe como um delinquente; é visto pela vizinhança como um inimigo; nem sempre tem o que comer; vive sujo e maltrapilho. Assim, não seria um equívoco supor que Alexandre queima seu próprio braço porque acredita que o braço é sua "maldade", que deve ser castigada. Tal crença é produto da arbitrariedade e da violência que Alexandre constantemente experimenta, enquanto ser humano. Quem imagina seu corpo como barriga, constitui imagem fundada na arbitrariedade que transforma experiência parcial numa totalidade. Enquanto Alexandre representar seu corpo dessa forma, a idéia de campo totalizado e ordenado não se fará presente em sua mente, simplesmente porque não será possível pesar um conjunto de elementos distintos - cabeça, tronco e membros - que se organizam de forma ordenada e que pás-

sam a compor um todo - um corpo - a partir dessa representação. Em outros termos, o corpo fragmentado é produto da arbitrariedade e esta é a ausência da Lei. Por isso, inclusive, Alexandre é capaz de queimar seu próprio braço: não há ninguém que o respeite e queira-o bem. Seu pai é desconhecido, sua mãe está convencida de que ele não tem jeito, de que ninguém pode com ele, os moradores da favela têm medo e raiva dele; os moradores do bairro não o querem ver nem pintado; na cidade, para onde vai algumas vezes catar papel, Alexandre é desprezado e escorraça do. Ele ora é uma barriga, ora o terrível "Alemão", o braço inimigo de Vila Progresso.

Como já disse, a situação vivida por Alexandre não é única. A arbitrariedade é mesmo expressão de relações discricionárias que ignoram o ser humano. Nas relações arbitrárias o ser humano é tratado como "mão-de-obra", "braço para a lavoura", "mercadoria", "cérebro" (p. ex.: "há fuga de cérebros da América Latina para a Europa e os Estados Unidos"), e assim por diante.

Mas, como será possível a constituição de uma sociedade democrática onde parte considerável de sua população vive a arbitrariedade, a ausência da Lei, a fragmentação de si? A outorga de "constituição democrática é condição necessária mas não suficiente para o término da arbitrariedade que passa pelo corpo e que impossibilita a manutenção de relações políticas que constituem a cidadania. A construção da sociedade democrática implica no fortalecimento da sociedade civil que possui exigências peculiares que vão muito além da outorga de uma constituição: depende, enfim, de condições que constituem o cidadão.

\*\*\*

Este trabalho com menores delinquentes levou-me a pensar que esses menores são delinquentes porque são abandonados. A delinquência é um sintoma do abandono, que se manifesta sob a forma de ações violentas acompanhadas de surtos alucinatórios.

o menor abandonado é, antes de tudo, uma "criança desamparada, ou seja, e a que não tem pai e que, frequentemente, depende da caridade para sobreviver.



Assim, minhas observações, bem como leitura de textos pertinentes sobre o assunto levam-me afirmar que o desamparo do menor abandonado ocorre, em primeiro lugar e acima de tudo, no âmbito da família - a instituição que realiza a intermediação entre os que nascem e a sociedade em que nascem. Além disso, o desamparo do menor se deve a uma falta do pai - o que, para muitos, pode parecer afirmação um tanto radical e estranha!

Tal afirmação torna-se mais misteriosa ainda porque quando afirmo que o menor abandonado não tem pai, não pretendo dizer que o personagem paterno seja inexistente. Frequentemente, tenho observado que existe uma figura paterna degradada que, apesar de estar presente, não consegue desempenhar as funções de pai.

Talvez, a primeira questão que pode surgir para o leitor dessa frase é: "porque e no interior da família que se dá o abandono?".

O abandono do menor é sempre um desamparo familiar porque, por um lado, o ser humano é institucionalizado, isto é, não consegue viver fora de instituições apesar de mitos como "Robinson Crusóé" ou "Mowgli, o menino lobo" e, por outro lado; devido á intensa precocidade com que nasce. A precocidade faz o ser humano dependente de outros: os outros que se dedicam aos cuidados necessários antes e depois do nascimento. O ser humano é, assim, por muito tempo - o tempo da infância - profundamente dependente dos adultos que se dedicam á sua produção - gestação, concepção e os complexos e persistentes cuidados pós-natais: que são necessários á sobrevivência. Esses adultos são chamados de mãe e pai.

Na nossa sociedade, onde predomina a família nuclear patriarcal, ou seja, uma unidade estrutural composta de pai, mãe e filho(a), relativamente isolada de outros parentes consanguíneos ou afins, a figura do pai concentra uma dupla função: em primeiro lugar, ele é responsável pela guarda dos tabus familiares - especificamente, pelo tabu do incesto - e, em segundo lugar, desempenha um papel de padroado mais familiar, de senhor em técnicas e de tutor da audácia nos empreendimentos. Dessa forma, a função paterna, na família nuclear patriarcal, é tanto repressiva como transgressiva.

A minha experiência me faz crer que o menor abandonado e aquele que é carente em relação a essas funções, em decorrência da degradação, porque passa a figura paterna.

Não pretendo dizer, com isso, que a mãe também não é responsável pelo abandono. Ao contrário, estou disposto a afirmar - ainda com base na minha experiência - que a mãe, muitas vezes, também abandona os filhos. Mas, tenho notado que o abandono materno ocorre quase sempre junto ou imediatamente após o abandono paterno. Geralmente, a mãe abandonada e abandonadora possui um discurso degradante a respeito dos homens em geral e do marido em particular. Discurso que possui uma correspondência na realidade social na medida em que o pai é uma figura ausente e/ou degradada. Assim, o abandono do pai não depende só de sua ausência ou degradação, mas depende, também, e talvez fundamentalmente, da maneira como a mãe fala dessa figura, ou seja, depende do nome do pai pronunciado pela mãe.

Assim, os problemas que afetam o menor abandonado são diferentes dos que atingem o menor trabalhador, por um lado, e os que se referem ao menor infrator, por outro lado, ainda que, a qualquer momento, um menor abandonado possa se transformar num trabalhador ou num infrator.

Entretanto, o desamparo que caracteriza o menor abandonado ocorre também nas mais diversas instituições de nossa sociedade. Assim, não existem informações a respeito do número de menores abandonados no Brasil, no Estado de São Paulo, ou em Campinas. As estimativas são grosseiras e sujeitas a grandes erros.

O desamparo em que se encontra o menor abandonado, se manifesta, também, na ausência de políticas visando especificamente os problemas dessa população. Assim, os partidos políticos - sem exceção - sequer referem-se a esse personagem, tanto em seus programas como em suas discussões. Organizados como estão para a disputa eleitoral parecem não se preocupar com os que não votam.

O Estado, por sua vez, nada tem dito ou feito sobre os problemas que afligem o menor abandonado. Tratado menor delinquente - parcela do contingente de menores abandonados - de forma extremamente insatisfatória. Assim, o confinamento em instituições do tipo FEBEM parece

ser o único programa estatal explícito existente. Digo que esse é o único programa estatal explícito porque a simples leitura de jornais sugere a existência de um outro programa que foi executado pela polícia do Estado de São Paulo há alguns anos, até 1983: o genocídio, o extermínio em massa de menores abandonados a quem são atribuídos delitos que parecem justificar o assassinato. Assim, naquele ano, a Folha de São Paulo noticiou o assassinato pela polícia, de pelo menos 30 menores, só no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, durante o ano de 1982. A mesma notícia dizia que o número de menores assassinados é provavelmente muito maior e que tal programa conta com o apoio dos comerciantes do bairro. Essa prática não é nem recente nem restrita a aquele bairro. Menores abandonados foram assassinados pela polícia na periferia de São Paulo durante todos os anos da ditadura militar. Não creio que essa prática seja o produto de um programa conscientemente formulado pela polícia. Entretanto, penso que o hábito de assassinar menores constitui um programa inconscientemente executado por elementos dessa instituição.

Finalmente, há diversas instituições filantrópicas particulares que recebem ajuda do Estado e que estão voltadas para a integração militarizada de menores no mercado de trabalho. Em Campinas, existem organizações que denominamos menores de "guardinhas", "vigilantes", "patrulheiros" e que os colocam a trabalhar uniformizados. Não sou necessariamente contra o trabalho do menor, ainda que seja prática inconstitucional. Não sou necessariamente contra porque reconheço que os salários miseráveis que esses menores recebem são muitas vezes fundamentais para o sustento da família a que pertencem.

Entretanto, quero observar que a exploração do trabalho do menor serve como mecanismo rebaixador de salários de adultos e como instrumento para aumentar o chamado "exército industrial de reserva". Assim, muitos adultos se vêem na contingência de terem que aceitar salários equivalentes aos pagos aos menores que quiserem trabalhar como secretárias, mensageiros, atendentes etc.

Além disso, a exploração militarizada do trabalho do menor impede a vivência da infância. Digo isso porque parece que as autoridades se esquecem que o menor é, antes de tudo, uma criança e que, como tal, tem direito à

infância, isto é, á fase da vida em que brincamos, empina mos pipa, jogamos bolinha de gude e bafo, quebramos os vidros dos vizinhos e fazemos outras estrepolias. Mas, acima de tudo, exploramos o mundo e desenvolvemos uma visão das coisas e das pessoas. O enquadramento do menor num exército de trabalhadores não da acesso a infância e, com muita probabilidade, produzirá adultos desajustados.

Entretanto, o mais grave desamparo do menor abandonado e, sem dúvida, o que decorre da degradação da função paterna. A miséria, o desemprego, o salário aviltante, as longas horas gastas no trabalho e no trânsito, a ausência de moradias adequadas, são alguns dos fatores responsáveis pela degradação da figura paterna que não consegue sustentar seus filhos.

Ninguém precisa ter entrado num buraco de favela - em Capinas existem cerca de 15.000 abrigando cerca de 75.000 pessoas - para imaginar a promiscuidade aí existente. Mãe, pai e filhos compartilham com frequência a mesma cama e, assim, todos participam de práticas íntimas em que o tabu do incesto não é respeitado. A violência institucionalizada com que os adultos tratam as crianças espancando-as como se fossem criaturas malélicas por nascimento, só servem para degradar ainda mais a figura do pai aos olhos do filho. Enfim, pouca imaginação é necessária para se admitir que o desamparo do menor abandonado está intimamente associado á degradação da figura paterna e que esta degradação também atinge as funções que são normalmente desempenhadas pelo pai em nossa sociedade.

A degradação das funções paternas produz gravíssimas consequências tanto no psiquismo como no comportamento do menor abandonado. Por um lado, a função repressiva - determinando o que é permitido e o que é proibido, o que é certo e o que é errado - é responsável pela aquisição da noção de Lei. A degradação dessa função lança por tanto, o menor abandonado no âmbito da mais intensa arbitrariedade. Essa situação, por sua vez, faz com que o menor não consiga distinguir o que é sua imaginação do que é realidade, ou seja, não consegue estabelecer um limite entre o que vai em sua mente e o que se passa no mundo fazendo com que, muitas vezes, confunda esses dois âmbitos. No caso de Alexandre e seus irmãos, essa confusão se manifesta, por exemplo, na crença de que podem enfrentar (e até vencer) a polícia, num confronto direto.

Por outro lado, a desproteção e o desamparo que se devem a degradação do pai faz com que o menor abandonado seja acometido do mais profundo terror devido á constante ameaça de morte a que está sujeito. Não precisamos de muita ciência para afirmar que uma pessoa aterrorizada que desconhece a Lei enquanto princípio e capa? de praticar qualquer desatino e, ao mesmo tempo, sofrê-lo.

Termino com uma nota trágica: algum tempo depois desta sessão, o irmão de Alexandre - o são paulino - foi morto pela polícia. Meses depois vi, num dos jornais de Campinas, a foto de Alexandre com a tarja preta sobre os olhos. A manchete era: "menor procurado pela polícia". Uma notícia corriqueira em qualquer jornal do Brasil.

**PSICOLOGIA SOCIAL**  
**UM PERSONAGEM EM BUSCA DE SEU AUTOR**

*Luiz Carlos S. Sampaio.*

O "conhece a ti mesmo" inscrito no pórtico do templo grego demonstrava o interesse, ao mesmo tempo que inspirava o saber do homem a seu próprio respeito e das coisas do mundo.

A filosofia teve a missão, até o final do século XIX, de desvendar os mistérios que envolviam a mente humana. Por ser especulativa, deixou de satisfazer as exigências do homem moderno e teve que ser substituída por algo mais consistente, mais preciso, passível de demonstração.

As ciências naturais floresciam, por que não lançar -lhes mão dos modelos, cuja eficiência fora comprovada desde Galileu ao submeter a provas as afirmações de Aristóteles?

Tomá-los não seria um contrasenso, já que, há não muito, Darwin afirmara que entre os homens e os demais animais a diferença observada residia apenas no grau, não na qualidade.

O estudo da biologia avançara, desvendando mistérios profundos da natureza humana. O corpo humano, submetido a estudos sacrílegos nas alcovas dos mestres da pintura e escultura desejosos de um retrato fiel, na idade média, tornou-se alvo de observação e retaliação por parte dos cientistas, tal como visto na "Lição de Anatomia", de Rembrandt, no século XVII.

A alma humana, o espírito, a mente, até então pensada intangível, deveria ser encerrada no espaço do laboratório, para, cativa, submeter-se á frieza dos instrumentos de medida. Nasce a Psicologia Científica.

Psicologia que compara homens e ratos, que mede a inteligência, que reduz o psiquismo a terminais de input e output, e o homem ao fruto de um condicionamento operante.

Filosofia e ciência, damas de senhores diversos, uma do pensamento, a outra dos instrumentos de medida, do saber positivo que extrapola a curiosidade própria de saber e visa ao controle, preocupação central do homem moderno.

A prática derivada dessa psicologia positiva é a da engenharia psicológica. O psicólogo cientista vislumbra, a partir do conhecimento proveniente das pesquisas contra ladas, a arquitetura do homem ideal. O psicólogo prático, engenheiro, concretiza a edificação desse homem.

Tal controle não basta impor-se, porém, ao homem isolado. Ser social interage com outros homens e não raro de modo desastroso. Faz-se necessário uma Psicologia Social que ponha termo nos desastres das guerras e nos conflitos inter e intra grupais.

Esta foi a Psicologia Social que herdamos aqui no Brasil. Uma psicologia dos pequenos grupos, que enfatiza os tipos de liderança, a percepção do outro, a comunicação, que não leva em conta, entretanto, a natureza do campo em que se realizam as pesquisas. Tal psicologia reúne um corpo teórico que administra as práticas dos grupos de treinamento, os T-Group.

Uma Psicologia Social que introduz-se nos espaços das fábricas, das escolas, dos hospitais, dos bancos, dos escritórios e mesmo da política macro e micro social, de onde surgem estudos sobre o trabalho, as gerências, da organização, do atendimento, da aprendizagem, dos recursos humanos. Seu objetivo: encontrar e colocar o homem certo no lugar certo e que a produção se dê sem conflitos, para ser maximizada.

O psicólogo social, arquiteto e engenheiro, sustenta garboso o estandarte da "Ordem e Progresso".

A sonhada arquitetura, entretanto, no real, mostrou-se ineficiente e desajustada. No pano de fundo da ordem desordem insinua-se e busca reinar soberana.

A euforia dá lugar, então, á depressão. Criticar, repensar os modelos e os referenciais teóricos são as insígnias da nova bandeira levantada, principalmente, por

um grupo que se reúne sob a denominação de Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO.

Desiludidos com o casamento, com o saber positivista e pragmático, resgata esse grupo o pensamento de dois autores que dele se libertaram e se mantiveram afastados, Freud e Marx.

Psicanálise e/ou Materialismo Dialético poderiam ser os rumos para uma Psicologia Social não alienada e ideológica.

Desejosos de conhecer melhor as duas vertentes e as contribuições, reúne-se o grupo de São Paulo da ABRAPSO, no 6º Encontro, sob o tema "Freud x Marx - Um dilema para a Psicologia Social?".

Não pretendendo ser partidarista, a organização do Encontro convidou pessoas que se interessam, trabalham e estudam as correntes em questão, sem privilegiar as instituições a que elas, porventura, pertençam.

Os convidados foram: Silvia T. M. Lane (Psicóloga Social), Oswaldo D. M. Di Loreto (Psiquiatra), Fábio Landa (Psicanalista), Paulo Silveira (Sociólogo), Fábio A. Herman (Psicanalista) e Manoel Berlinck (Psicanalista).

A questão central abordada pelos convidados foi a dos possíveis pontos de contato entre a Psicanálise e o Marxismo. Todos foram unânimes em afirmar que estes pontos inexistem, visto que Freud e Marx ativeram-se a objetos diferentes, ou nas palavras de Di Loreto, "Freud nunca pretendeu abordar questões de sociologia, bem como Marx nunca pretendeu ser psicólogo". A divergência mostra-se mais acentuada quando se aborda a visão de homem que cada um apresenta nas obras deixadas. Para Freud, o homem é um ser biológico, dotado hereditariamente de impulsos de vida e de morte, de força variável, cuja personalidade completa-se ainda na infância, a partir das relações objetais que trava com as imagens parentais. Imagens internalizadas com frequência de modo distorcido pela predominância de um ou outro impulso, e pelas vicissitudes do desenvolvimento da sexualidade. As relações futuras, do cotidiano de cada indivíduo, seriam mediadas e determinadas pelos "fantasmas", reminiscências dessas relações objetais primordiais. A construção do real estaria, assim, condicionada a um processo de análise pessoal.



Marx também parte de um homem biológico, que, ao ser socializado, introduz-se na história de seu grupo social, que não e estanque no tempo, mas transformada segundo os desenvolvimentos que sofre o modo de produção da vida material, desenvolvimento este, impulsionado pela luta de classes, alcançada no momento em que os indivíduos explorados tomam consciência de sua condição no grupo social a que pertencem, adquirindo, desse modo, uma consciência de classe. Com isso, o homem de Marx e um ser biológico, social e histórico. Ator e autor de sua história pessoal, e do grupo de pertinência, e enfim, da própria história do homem.

Como contribuição direta á Psicologia Social, Lane, em uma ótica marxista, afirma que toda a Psicologia e social, pois todo o homem e ser social, o homem isolado da sociedade não existe . Não nega, com isto, a possibilidade de uma Psicologia do Indivíduo, lembra, Outrossim, que a própria noção de indivíduo é histórica, e sua existência só se afirma contraposta á noção de grupo, numa relação dialética.

Ainda na linha marxista, Silveira propõe a tese do "Fetichismo", descrita por Marx no "O Capital", em relação ao dinheiro. No sistema capitalista de produção, a pessoa, o cidadão livre seria o "Fetichismo" que oculta a real condição de mercadoria, para a classe trabalhadora. As relações humanas não seriam estabelecidas com base nas humanidades dos agentes, mas sim, numa relação de trocas com bases nas leis de mercado, entre o comprador e o vendedor da força de trabalho.

Na linha Psicanalítica, Herman problematiza a questão do real, inacessível ao psiquismo humano cujo alcance não permite ir além de uma representação idiossincrásica. Como contribuição de sua experiência pessoal enquanto psicanalista, relata ter percebido uma certa constância nas atitudes dos "executivos" que atende em análise; o traço característico seria o de uma compulsividade á ação, batizando-o, então, como "neurose de ação". Deixa claro, entretanto, que suas observações merecem aprofundamento.

Landa e Berlinck contribuem demonstrando que a Psicanálise, enquanto método de observação e pesquisa, é possível fora do espaço privado dos consultórios, podendo ser

realizada, por exemplo, em instituições ou mesmo em espaços sociais maiores como o de uma favela.

Como contribuição final, lembram todos que, apesar das propostas teóricas de Marx e Freud não se aterem ao mesmo objeto, seria enriquecedora a leitura da Psicanálise através de uma ótica marxista, bem como uma leitura psicanalítica do marxismo, trabalho que vem sendo realizado por alguns autores, mas que carece de maiores desenvolvimentos.

Lógico está que o exposto acima trata-se de uma simplificação restritiva do exposto pelos convidados em questão, simplificação que pôde ter cometido o desastre de desvirtuar o pensamento elaborado por eles, a quem só temos a agradecer a gentileza concedida. Bem, e nossa psicologia social, personagem abstrato etéreo produto mental de uma época historicamente determinada; qual seu rumo? O que temos como certo é que não pode continuar a ser pretendida como positiva e, dessarte, descompromissada politicamente, pois tal descomprometimento só é possível no mascaramento ideológico. O tempo é de repensá-la, expo-la críticas e deixa-la sem corpo, por enquanto.

*LUIZ CARLOS S. SAMPAIO*  
Médico psiquiatra, pós-  
graduado em Psicologia  
Social, co-editor da revista  
"Psicologia e Sociedade" da  
ABRAPSÓ.

**PSICANÁLISE E MATERIALISMO HISTÓRICO DA LIBERTAÇÃO DO  
HOMEM**

*Paulo Cesar Sandler\**

Perplexo após ler uma reportagem que descrevia os trabalhos do encontro promovido pela **ABRAPSO**, no qual se pretendia verificar possíveis relações entre psicanálise e marxismo, perplexidade esta ligada às conclusões reportadas pelo Dr. Luiz Carlos Souza Sampaio, fui por ele instado e convidado a desenvolver por escrito as razões de minha perplexidade. Agradeço ao Dr. Sampaio o convite para desenvolver algumas idéias a respeito de um tema que ocupou o todo de um período de vida universitária no campo da psiquiatria social, tanto em trabalhos teóricos como em experiências práticas .

Introdução

Em outras ocasiões (1978, 1982), alicercei com fatos e conclusões advindos de investigação empírica, de campo, a recomendação de que avanços na construção de um corpo teórico constituído da descoberta de leis gerais, princípios unificadores e conceitos geradores ("*idées mére*, como escreveu James Joyce) que pudesse dar conta, em algum grau, das ainda obscuras relações entre a dita dinâmica sócio-cultural e o acontecer mental do homem, só poderiam vir a ocorrer quando se descartassem:

- Relações tipo causa/efeito (Causa "social" - efeito "psicológico")
- Relações estatísticas setoriais tipo "sociologia americana"
- A dicotomia artificial, pseudo, entre sociologismo e psicologismo

---

\* Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mestre em Medicina Preventiva pela Faculdade de Medicina da U.S.P. Ex-diretor do Programa de Saúde Mental da Faculdade de Saúde Pública da U.S.P. (1979-1983).

Estabelecimento de explicações precoces, desautorizadas pela ausência de dados empíricos embasadores que confirmam teor de verdade às explicações. (Tipo "poluição causa doença mental" e assemelhados)

Ao descartar disto, penso que, da mesma forma que parecem ter pensado os organizadores do encontro, resta um trabalho que lance mão de uma sociologia compreensiva, cuja ideologia não seja outra que o favorecimento do homem; ou seja, uma aproximação à verdade dos fatos do acontecer humano ideologicamente condicionado por uma busca da verdade do homem. Em outras palavras, as descobertas de Karl Marx, Max Weber e dos desenvolvimentos daí advindos, que poderíamos chamar arqueológicos, como por exemplo as contribuições de Michel Foucault e Peter Berger. O mesmo diz respeito ao campo chamado de psicologia: o amor à verdade, o movimento iniciado por Sócrates e re-impulsionado por Kant, em sua morada que tomou o nome de Sigmund Freud e seus desenvolvimentos posteriores. A dicotomia acima apontada ainda faz com que o investigador fique falando em "aproximar" a psicanálise do marxismo, ou fique tentando ver "pontos de contato". Realmente, ao se observar um fenômeno, partindo-se de dois pontos de vista muito díspares quanto a sua própria magnitude, como apontou Bastide, ou seja, o macro-nível e o micro-nível, pode-se concluir em favor de "aproximações" ou "afastamentos": Confunde-se o ponto de vista com o objeto observado. Mas, como demonstraram Kant e Weber, o objeto não tem nada a ver com o ponto de vista, sendo este último explicitável pela ciência. Os tais "níveis" diversos de observação, e os -ismos deles derivados, não passam de débeis criações humanas, reflexos de nossa incomensurável imprecisão e falibilidade na observação e explicitação verbal daquilo que também muito imprecisamente convenciamos denominar "realidade".

Indivíduo e Sociedade são duas destas caricaturas verbais de uma realidade última, incognoscível. Assim, busca-se aproximar duas "coisas", a rigor, inexistentes em si Teorias, ciência, são arranhões superficiais na epiderme de uma realidade gigantesca. Partidarismos, apriorismos (os-ismos) são produtos humanos ligados a algo que talvez seria mais pertinente ficar confinado à história e prática da religião. Se o cientista acredita que um determinado -ismo existe, principalmente, aquele ao qual

ele decidiu, provavelmente por ideologia, se filia, existe mesmo, ele é um sonhador que jamais desperta - toma concretamente como existe algo que não possui existência concreta. Este processo concretificante foi estudado por Hanna Segal e Wilfred Bion, após Melanie Klein, em outros estudos pudemos perceber sua existência não somente na psique do assim rotulado "psicótico", mas grassando em toda a trilha da ciência ocidental, principalmente após D scartes (1984, 1986).

Mais sucesso nos parece ter uma idéia que foi gerada na década de 60, e que tomou o nome de "Teoria Geral dos Sistemas" (ver Miller, 1965). Diz respeito à possibilidade de uma descoberta valer para qualquer nível de observa o considerado - porque científica. Há certos aconteceres que valem para uma célula, para um indivíduo, para uma família, para uma sociedade. A rigor, a história da tecnologia, que lida com fen menos concretos, facilmente reconhecíveis pelos órgãos dos sentidos, já demonstrou de sobejo que muitos pesquisadores e experimentadores podem chegar ao mesmo produto, em épocas até diversas, por meio de caminhos e materiais diversos, sem nenhum conhecimento prévio ou contato de uns com os outros. Foi assim com a roda, com o avião, com o automóvel e, infelizmente, com a bomba at mica. Em termos científicos, certos aconteceres são trans-históricos, a-temporais, por que ligados a essências básicas do homem. Isto não desafia a concep o histórica do materialismo dial tico, mas desafia tão somente as aplica es dogmáticas, estreitas deste, que esquecem que o processo histórico e ideológico apenas o aparecimento, eclosão ou valoriza o dos aconteceres. Apelando para o mais facilmente visível mundo sensorialmente apreensível, mais uma vez: quem inventou o avião - Leonardo, Santos Dumont ou os irmãos Wright? Ou o inventor an nimo de  caro? Os gregos eram pessoas de sorte: viveram antes da grande explosão mental que criou os primeiros -ismos da história, as várias -gias, filhos esquizofrenicamente cindidos, afastados   distância mais do que estelar da mãe filosofia.

Francis Bacon (Essays, LVIII) escreveu:

"Solomon saith: There is no new thing upon the earth

So that as Plato had an imagination, that all knowledge was but remembrance; so Solomon giveth his sentence that all novelty is but oblivion"

(Salomão disse: Não há nada de novo na face da terra. Tanto é assim que Platão teve uma imaginação, que todo conhecimento não passava de lembrança; e então Salomão deu sua sentença, que toda novidade não passa de esquecimento)

A respeito dos efeitos na memória como entrave à descoberta científica, ver Bion (1977).

O que denominamos, hoje em dia, de psicanálise, marxismo, residiu anteriormente em outras moradas, chamadas Sócrates, Platão, Spinoza, Bíblia, Shakespeare, Proust, Einstein. O que simplifica nossa tarefa. Não se trata de "aproximar" produtos de nossa mente, mas sim de re-descobrir algo que nunca foi separado em si. De se aproximar de uma síntese que, na realidade propriamente dita existe, mas que foi explodida pelas incomensuráveis limitações da ciência.

Em desenvolvimentos posteriores, pode ser que este re-conhecimento auxilie não só o estabelecimento de corpos teóricos de uma hoje chamada psiquiatria social, psicologia social, mas antes uma possibilidade de compreensão mais próxima da realidade do acontecer humano. Com a provável dispensa, como já o fez com sucesso a literatura, de prisões tipo "psicologia", "social", "psiquiatria", "psicanálise", "marxismo".

\*\*\*

## UM GOLPE NA ILUSÃO DA CONSCIÊNCIA

Solicito ao leiro que se re-lembrar, ou consulte, a metáfora de Platão, da caverna e das sombras projetadas. Depois dele, um período que se estendeu por centenas de anos foi re-erguendo o mito da auto-consciência humana, mito este que atingiu o ápice talvez com Descartes que, apesar de ter advogado a existência da dúvida filosófica, não exitou em retroceder e afirmar que "Cogito ergo sum" - quem sabe foi assolado pelos mesmos problemas que fizeram Pascal, homem sincero, afirmar "Ces epas infinis m'effraie" ("estes espaços infinitos me aterrorizam"). O desvio nesta adoração ao mito da auto-consciência talvez tenha se chamado Emmanuel Kant.

- Curiosamente, foi através da religião, de um modo trágico para a humanidade, embora, que o ser humano pôde manter um certo grau de consciência de sua pequenez e da percepção do seu não-arbitrio. Sendo Deus o dono de nossos destinos, como crêem os religiosos, não somos mais nós os donos de nós mesmos.

A mensagem religiosa quanto ao não arbitrio e inconsciência humanos foi, no entanto, tornada um fato concreto corrompendo e distorcendo o sentido original. Certos traços humanos, hoje chamados pela psicanálise pós Melanie Klein de psicóticos, fizeram com que as pessoas tomassem a religião em seu aspecto ritual, mecânico, estereotipado. Todo tipo de mundanidade - própria igreja sempre teve um nome para isto, ou seja, a "secularização" - se instalou. Jesus, como escreveu Bion, foi enterrado sob um manto sagrado de adoração, e o Império Romano se continuou em riqueza sob novo nome. Cruzadas, justificativas de se espriar a pobreza material na terra se seguiram e a, religião sobreviveu às costas da morte da mensagem.

O espírito de Platão e Kant é desenterrado no século XIX, com a ajuda de Freud e Marx. Um golpe severo no mito da consciência, mas não mais a serviço de nenhum inconfessável proveito político-social, e sim a favor da "ciência", ou seja, o guarda-chuva onde se abrigou a sede da verdade, ocorreu. Livre do aproveitamento ligado ao

poder que a religião fez, durante a infância da humanidade, ou seja, de oferecer algo que era de fora, externo ao homem como governando seus destinos, Marx e Freud desfecharam um golpe no mito da consciência, nos mostrando que há forças independentes da vontade e intencionalidade cognoscíveis diretamente ao ser humano, e que estas são as verdadeiras forças que o conduzem. Maiores do que sua vontade, poderosas e desconhecidas. Não e para menos que uma das análises onde Marx e Freud se aproximam mais, inclusive na terminologia, e na análise da religião. "O ópio do povo" ou a "projeção da onipotência de cada um" mostram um tipo de estado sonambúlico, hipnagógico, onde os zumbis são conduzidos, perdendo sua auto-condução. Na terminologia "social", mostrou Marx, após Hegel a existência real de uma inconsciente, porém detectável, ideologia, subjacente aos conteúdos expressos pelos governantes, que guiava a criação de códigos (penais, por exemplo, ou de moralidade, etc.) propagandísticos, mas cuja realidade latente, detectável por exemplo pela aplicação do método marxista, era bem outra. Na terminologia "psicológica", mostrou Freud a existência real, porém inefável, não concreta, não factual em si, mas produzindo fatos reais, de um inconsciente povoado de destruição, morte, e também vida e criação, subjacente e governando a frágil embarcação do ser que pensava se arbitrar; governo este não de um leme seguro, mas do mar revolto, cujas ondas desdenham dos ridículos dispositivos humanos destinados a vencê-lo. Até mesmo os termos infraestrutura e super-estrutura têm suas contrapartidas na terminologia da psicanálise - e no seu campo semântico.

- Esperançosos e talvez entusiasmados pelo impacto de tamanha descoberta, altamente impregnados de racionalismo: Marx e Freud lançaram-se à prática do desvendamento destas forças criando e aperfeiçoando continuamente seus métodos, na tentativa de ajudar o ser humano a se desenvolver, a se assenhorar ou domesticar a realidade gigantesca que descobriram existir. O descobridor da existência do inconsciente esperava no início trazê-lo à consciência; o descobridor da irracionalidade acreditava na implantação final de uma racionalidade que extinguisse os governos. (Veja-se o "Manifesto").

O re-conhecimento do não-livre-arbítrio foi perene nas artes. Chico Buarque e Milton Nascimento perguntam



"O que será que me dá", Milan Kundera descreveu uma insustentável leveza e Shakespeare escreveu "tragédias", mas King Lear ou Macbeth bem poderiam se intitular "ser humano". A explicitação não-religiosa que percebe dentro do ser humano a existência de inapeláveis forças desconhecidas que governam o homem, produziu, tanto em Marx como em Freud, o re-conhecimento da besta-fera que o ser dito humano abriga. Novamente, o paralelismo com a religião se dá, mas ao invés da rigidez moral condenatória e ameaçadora, cuja promessa de punição do mal tentava manter encurralado aquilo que Freud denominou de instinto de morte, surgiu uma esperança no fato de tais forças serem intrínsecas ao homem. Assim, a responsabilidade pelos seus próprios destinos, e responsabilidade pela sua própria inconsciência, substituiu a Inquisição ou a fogueira protestantista - Marx apontou que o homem explora o homem, reconhecendo a fera. Falou em um "homem novo", pós-comunismo, sua esperança para a manutenção do mesmo, semelhante à proposta "psicoterápica" de Freud, do re-conhecimento da violência, da inveja e da destruição que são partes integrantes do único ser que mata sem necessidade de sobrevivência.

Tanto Marx como Melanie Klein, ao lidar com o problema predatório e da exploração humana, com as dificuldades do respeito, da gratidão e da separação, nos explicitaram com clareza acessível aos seus contemporâneos as consequências da inveja. Marx ainda se prendeu a uma dicotomia, ao identificar aquilo que Klein chamou de "objeto mau" como sendo o capitalismo, e o objeto bom, no comunismo. Igual à religião, estabeleceu normas externas ideais: para a conduta humana, que seriam, ao menos no início, impostas por governos exógenos, fora do indivíduo, tendentes a substituir um possível senso de contenção, recato, limites pessoais, limitação da voracidade (aqui entendida, ainda segundo Klein, como a tendência do indivíduo a exigir e possuir mais do que realmente necessita), probidade e honestidade que, se não foi desenvolvido dentro, não poderá jamais existir. Não há possibilidade do reflexo condicionado, típico de serem muito simples do ponto de vista biológico, ser instituído nesta área emocional. Obtem-se pela criação, pela réverie materna no lar de origem ou através de se "aprender pela experiência", como diz Bion, com os reveses e perdas da vida. O marxismo, como religião, acabou servindo de escudo para novas explora-

ções - não Marx, mas o seu "-ismo". O predador, travestido de comunista, não dividiu a riqueza, mas criou "Nomenklaturas" e justificou ações de destruição. Em 1917, prédios centenários e a memória de um povo foram destruídos; a arte foi obliterada poucos anos depois, e a inveja como combustível legalizou a destruição, deixando uma marca negra que cujo deserviço à causa do comunismo, ainda não pode ser avaliado com precisão. Fidel Castro acabou colocando tropas de guerrilheiros contra certas turbas que tentavam incendiar os hiltons de Havana; ele sabia que os hiltons não eram maus em si e poderiam ser usados - como o são - numa divisão mais equânime, pelo povo. Não se pode afirmar que o "pobre" é enfurecido, se tiver uma chance de impunidade, pois pobreza material não implica em pobreza de espírito. E, se assim fosse, nem eu estaria escrevendo isto aqui, nem o leitor estaria lendo, pois, nós, membros da pequena burguesia, já teríamos evaporado frente ao número de "pobres" vigente em 1986.

Estando o bom e o mau divididos, o mau fica fora, e cega-se para o mau que persiste em qualquer ser humano. A cegueira produz o desatino. Marx estava ajudando o ser humano ao demonstrar que a estratificação social, até então justificada inclusive por razões divinas, criava um tipo de estímulo à inveja humana que, talvez, no caso de alguns pobres, as teorias da inveja de Melanie Klein só se apliquem naquilo que elas também valorizam o papel diletério de uma mãe indisponível, ou, como disseram Bion e Winnicott, incapazes de "revérie". A criança que não come carne durante os sete primeiros anos de sua vida, ou o porteiro do prédio ou empregada doméstica que são submetidos a carregarem semanalmente dezenas de sacos de supermercado, sem poderem nutrir sequer a esperança de um dia usufruírem de nenhum, pois o que o patrão pode gastar em duas horas, consumir-lhes-ia dois anos de economias não podem ser imputados como "invejosos", primariamente. Mas Marx, ao idealizar o Estado protetor, uma entidade mantenedora que daria a cada um de acordo com suas necessidades", favoreceu os espertos, cuja necessidade segue sendo predatória. Localizar fora do indivíduo a solução, como na religião, explora o sonho dourado da irresponsabilidade, vê a fera no sistema político e não no homem que o idealizou e o praticou, e municia a inveja em travestis de comunista, os espalhadores da pobreza - terá sido isto algo decorrente de uma falha na apreensão da psique, por parte dos

iniciadores do comunismo? Mas, o que eles poderiam fazer? Ninguém é perfeito, talvez não tivesse Marx podido ler direito o seu Shakespeare e Melanie Klien ainda estava devendo quase cem anos para descobrir o que descobriu. Mesmo Marx ainda reconheceu no capitalismo o seu aspecto de progresso técnico e material. Um grande triunfo do capitalismo, longe do sistema que sobrevive a qualquer tirania imposta por qualquer ama, e a valorização de algo que preserva o indivíduo. O problema é a escolha - ideológica e na maioria das vezes injusta - de que indivíduos serão valorizados. O modo capitalista que da efetivamente um locus ao indivíduo enquanto tal, e possibilita um certo progresso, desde que não desafie os rígidos limites de mudança de um extrato social para outro, segundo as reais possibilidades individuais (inteligência, trabalho etc.). Pelo menos para a pequena burguesia, e mais ainda para a burguesia, não ficar obrigatoriamente aprisionado pela inveja predatória que faz destruir o que o outro tem como substituto ao que eu próprio não tenho, mas sim usufruir o esforço do próprio trabalho, é possível. Para estes extratos, vale mesmo - doutrina do "individual enterpriser".

Já existe este espécimen entre os húngaros e os chineses, e as acusações de desvio ou revisionismo partem do proprietário de Volgas e "dachas", que só produzem controle burocrático, mais nocivo do que a falsa riqueza sem trabalho de juros bancários.

Nos confins do comunismo, inexistiria o governo; nos confins de uma psicanálise, inexistiria a ditadura do super-ego. Em ambos, os desejos desenfreados do inconsciente, vitimado por só-desejos de satisfação imperiosa e imediata (veja-se Freud, 1911), às custas do que ou de quem quer que seja, seriam controlados, postergados por uma afeição fraterna, um respeito das necessidades do outro. O termo "camarada" (amigo) não foi criado por acaso; a Psicanálise não é filha da medicina, ou seja, um dos redutos da ajuda inter-humana, também por mero acaso.

Não sei se é justificável surpresa frente às conclusões do encontro que não há pontos de contato entre o que Freud e Marx descobriram. Parafraseando Marguerite Yourcenar, estes dois ramos que intentaram conhecer e ajudar o homem talvez sejam "tão diferentes como só dois irmãos conseguem ser". O povo, o senso comum, em sua sabedoria,

soube reconhecer com mais facilidade, tanto na execração como na exaltação, a irmandade de dois libertadores do homem, que tiveram a coragem de reconhecer a violência, a predação e, principalmente, o não-arbítrio inconsciente que caracterizam este espécimen mal acabado de ser-vivente, auto denominado humano.

"O ser humano, este inconsciente", poderiam dizer aqueles preocupados velhinhos de uma improvável mistura judaico-saxônica, mas de coração latino, o Prof. Karl e o Dr. Sigmund, trabalhando em seus bissextos consultórios sócio-individuais.

#### DESENVOLVIMENTOS

As limitações humanas fizeram crer que a falha estava no método e não no seu executor e idealizador. O amadurecimento, obtenível apenas e tão somente pela dura experiência do desacordo, tem demonstrado que a coisa é muito mais difícil do que o entusiasmo inicial da descoberta, criado pela contemporaneidade desta, fazia crer. O sangue, suor e lágrimas cobra um preço cuja moeda são várias gerações. A vingança e o triunfo fina do inconsciente, da pureza, pregou uma peça nos descobridores da irracionalidade, que acabaram apelando para a racionalidade com arma, para combater a primeira. Frágil palito de madeira, nossa espada infantil é ridícula contra uma hidra que precisou de um Hércules e um Palas Atenéia para vencê-la, em outras eras.

Vicissitudes comuns destes dois irmãos: sua aplicação superficialmente compreendida, repetitiva, ritual e religiologizada (como disse Kant: "protejam-me dos meus amigos, que de meus inimigos sei me defender"); esperanças infundadas na eficácia total, ideal de duas descobertas; risco de esquecimento precoce e desinteresse.

Sobreviverão? O quanto sobreviver a humanidade o anseio de libertação e o seu gosto, agora já experimentado, fazem parte de um patrimônio, talvez já incorporado à genética humana.

\*\*\*

Referências

- BASTIDE, R. - Sociologia das doenças mentais. Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1967.
- BERGER, P. et al. - La Construcción Social de la Realidad. Amorrortu, B. Aires, 1973.
- BION, W.R. - Seven Servants. Jason Aronson, N.York, 1977.
- BION, W.R. - A Memoir of the Future, book I; "The Dream". Imago, Rio de Janeiro, 1975.
- FOUCAULT, M. - História de la loucura en la edad classica.
- FREUD, S. - Two Principles of the Mental Functioning, 1911. The Hogarth Press, 1963.
- FREUD, S. - Beyond the Pleasure Principle, 1927. The Hogarth Press, London, 1968.
- KANT, E. - Crítica da razão pura. In: "Os Pensadores", Ed. Abril.
- KLEIN, M. - Envy and Gratitude. Tavistock Publ., London, 1957.
- MARTINS, C. & SANDLER, P.C. - Avaliação Crítica da Psiquiatria Comunitária. Arq. Neuro-Psiquiátricos, 36:65, 1980.
- MARX, K. - O Capital. In: "Os Economistas", Ed. Abril, S. Paulo.
- MILLER, J.G. - Living Systems: Structure & Processo Behav Sci. 10:337, 1965.
- OSBORNE, R. - Psicanálise e Marxismo. Zahar Ed., R. Janeiro, 1968.
- SANDLER, P.C. - Modelos Teóricos em Psiquiatria Social. Rev.Ass.Bras.Psiq. 4:8, 1982 .
- SEGAL, H. - Notes on symbol formation. Int.J.Psych. 1957.
- WEBER, M. - A ética protestante e o espírito do capitalismo. Pioneira, S. Paulo.
- YOURCENAR, M. - Golpe de Misericórdia. N. Fronteira, RJ, 1983.

**QUEM É O BRASILEIRO?  
UMA EXPLORAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS LEVANTADAS  
POR GILBERTO FREYRE E SERGIO B. DE HOLANDA**

Antonio Ribeiro de Almeida\*  
Gerson Muccillo\*  
Lucy Leal de Melo.

1. Introdução.

É possível formular a pergunta "Quem é o Brasileiro?", e, se possível, dar para ela uma resposta adequada? E estaria o psicólogo social melhor instrumentalizado para respondê-la do que, por exemplo, o antropólogo, o sociólogo, o historiador ou o literato? Estas questões surgem naturalmente para quem se volte para o estudo do que tem sido chamado caráter nacional, caráter social, características nacionais, personalidade básica, personalidade modal e personalidade plurimodal. (Ver, por exemplo, From, 1941; Klineberg, 1948, 1966; Kardiner, 1948; Kardiner, Linton, Ou Bois e West, 1945; McDavid e Harari, 1974; Dufrenne, 1959 e Inkelis e Levison, 1969).

O estudo do caráter nacional é, atualmente, visto pela psicologia acadêmica de uma forma fria e, às vezes, hostil, conforme comentário de Inkelis e Levinson (1969). No caso brasileiro, esta desconfiança é ainda maior no meio dos intelectuais que suspeitam sempre existir nestes estudos uma inspiração etnocêntrica, nacionalista e fascista. Há na intelectualidade, em alguns momentos da nossa história, um sentimento generalizado do cosmopolitismo e uma crítica, ora clara, ora velada, a preocupações nacionalistas. Mata (1977), por exemplo, crítica o falecido líder do Partido Comunista Brasileiro, Astrogildo Pereira, que num dos seus discursos defendeu o fortalecimento de uma cultura nacional. Sob o ângulo de uma análise marxista, uma questão, como a do caráter nacional, é elástica, logo, sem sentido. Corbisier (apud Mata, 1977) cri-

---

\* Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, São Paulo.

tica todas as interpretações do Brasil e dos brasileiros feitas até hoje, e diz faltar a Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda e outros sociólogos, uma "consciência crítica da história. Para ele, o equívoco está no fato de que a "nação" não é uma substância, mas uma função. Logo, não existe uma substância do brasileiro que suporte a tributos como "preguiça, verbalismo, cordialidade, etc." pág. 167).

Do lado acadêmico, as objeções que são feitas a estudos como este são muitas. Apontamos algumas: a) as nações são, como organizações sociais, de grande complexidade, comportando diferenças culturais regionais e de classes sociais; b) a formação de uma nação, como o Brasil, onde concorrem no período colonial três raças diferentes = a branca, a negra e a indígena - cada uma portadora de culturas diferentes e em diferentes estágios de desenvolvimento; c) os instrumentos de investigação, sejam os oriundos da Antropologia, da Psicologia Social são de baixa fidedignidade; e d) os estudos, conduzidos em amostras muito reduzidas, tornam impossível qualquer generalização estatisticamente válida.

Apesar destas críticas, o problema continua posto e renasce com frequência porque nada está tão perto do brasileiro do que ele mesmo. Vinte e quatro horas por dia: cada brasileiro fala do brasileiro usando a sua psicologia "naive" Por outro lado, há que distinguir o mundo dos intelectuais e o mundo das pessoas comuns. Será que a interpretação dos intelectuais, as constantes "superações" que fazem das ideologias, as suas críticas e auto-críticas chegam ao homem comum e modificam o seu estilo de viver? Suspeito que sempre existiu um grande fosso entre o intelectual e o homem comum.

Um estudo sobre o brasileiro pode, do nosso ponto de vista, ser conduzido se tem a consciência da sua, historicidade. Mesmo um estudo dos seus traços descritivos: que, segundo julgamos, permanecem durante longo tempo. E o contexto histórico deste estudo se faz no final do século XX, quando o brasileiro vive sua mais radical crise: tanto ao nível econômico como moral. Apesar de reconhecermos a não existência de uma "substância" que suporte o "ser do brasileiro", há que ver, entretanto, que se pode perceber uma continuidade entre o brasileiro dos séculos

XVIII, XIX e XX. Esta continuidade parece assegurada pelas matrizes culturais, pela língua e pelos símbolos comuns. Cada geração que chega tem a função de prosseguir um processo. Ela agrega muito à história comum, mas aprendeu o passado, integra-o no seu presente para a construção do futuro. Não chegamos ao exagero de dizer que os nossos mortos nos governam cada vez mais. Mas eles estão aí. Para nós, é possível, portanto, dar uma resposta à questão "Quem é o Brasileiro? ". Não privilegiamos, por outro lado, o psicólogo social nesta resposta. Acreditamos que existem outras formas de conhecimento e muito do brasileiro está descrito na literatura e na arte. Como ignorar as tipologias criadas por um Jorge Amado, um Machado de Assis ou um Érico Veríssimo? Na nossa Arte, muito do brasileiro está revelado na obra de Villa Lobos ou nos quadros de um Portinari ou Guignard.

Depois de inúmeros estudos de sociólogos, coube a um psicólogo social, Dante Moreira Leite (1927-1976), com o seu "O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia", estudar o brasileiro numa época em que os psicólogos se voltavam para o que vem de fora. Num certo sentido, sua tese de Doutorado, defendida em 1954 na Universidade de São Paulo, estava à frente de sua época. Aluno de Otto Klineberg, praticamente o pai da Psicologia Social na USP, Leite foi certamente por ele influenciado no estudo do caráter nacional. Sua tese tem uma feição européia enquanto tenta rever todas as interpretações do brasileiro, desde Pero Vaz de Caminha até Caio Prado Jr. Ao lado desta revisão, expõe as doutrinas do caráter nacional e a crítica. Para Leite (apud Mota, 1977): "O caráter nacional brasileiro tinha então diferenças, não das igualdades do povo brasileiro e do Brasil com aquelas nações desenvolvidas" (pág. 244). Mas Leite não teria conseguido realizar esta tarefa. Ele teria mergulhado na ideologia da ciência, na Ideologia da Superação da Ideologia. Mas o que nos interessou não foi continuar o estudo do caráter nacional ao nível do discurso. Preocupou-nos verificar se estas descrições do brasileiro, realizadas "on the green table" eram ou não reconhecidas pelo próprio brasileiro. Adotando esta hipótese de trabalho, estudamos as descrições do brasileiro, como apresentadas por Leite (1976), e que se referem a dez intelectuais - escritores e sociólogos - e realizamos uma exploração numa amostra de sujeitos da cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo.



## 2. Objetivos.

Os objetivos desta exploração foram os seguintes:

Primeiro: Examinar, numa pré-pesquisa, qual ou quais das descrições do brasileiro, entre os seguintes autores: Silvio Romero, Affonso Celso, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Affonso Arinos, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Fernando Azevedo e Vianna Moog, era(m) escolhida(s) em: primeiro e segundo lugares;

Segundo: Testar, numa amostra mais ampla de Ss da cidade de Ribeirão Preto, quais os traços que receberiam concordância, discordância ou sobre os quais os Ss não têm opinião quando aplicados ao brasileiro;

Terceiro: Verificar se há uma correspondência entre os dados obtidos em Ribeirão Preto com os obtidos em outras cidades do Brasil.

Este artigo se refere ao primeiro e segundo objetivos.

## 3. Método.

### 3.1 - Procedimento.

Após a preparação do questionário, onde não se informava aos Ss que os traços haviam sido estabelecidos por dez intelectuais brasileiros, solicitou-se aos Ss, de ambos os sexos, cuja escolaridade variava de média a superior, que escolhessem em primeiro e segundo lugares as melhores descrições, na sua opinião, do brasileiro. Registrou-se uma concentração muito significativa, em primeiro e segundo lugares, nas listas de traços estabelecidas por Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. Segundo Leite, os traços descritivos do brasileiro, por esses sociólogos, são os seguintes:

Sergio Buarque de Holanda:  
Culto da Personalidade, Falta de Hierarquia,  
Desordem, Ausência de espírito de organização  
espontânea, Inquieto e desordenado; Ânsia de  
prosperidade sem custo, de posição

e riqueza fáceis; Aventureiro; Inteligência como ornamento e prenda; Cordialidade; Individualismo.

Gilberto Freyre:

Sadismo no grupo dominante e masoquismo nos grupos domina dos; Animismo; Crença no sobrenatural; Gosto de piadas picantes; Erotismo; Gosto de ostentação; Personalismo; Culto sentimental ou místico do pai; Maternismo; Simpatia do mulato; Individualismo e interesse intelectual permitidos pela vida na "plantação"; Complexo de Refinamento.

De Gilberto Freyre, os autores desta pesquisa excluíram os traços "Simpatia do mulato e Interesse intelectual permitidos pela vida na plantação", por não serem relevantes na atual pesquisa e se localizarem no contexto específico da vida patriarcal. Já da lista de Sérgio B. de Holanda, foi excluído o traço "Ausência de espírito de organização espontânea", por oferecer possível dificuldade de compreensão dos Ss no contexto da atual pesquisa. Os pesquisadores acrescentaram os seguintes traços e que consideraram relevantes para o contexto social do brasileiro nesta década de 80:

Os pesquisadores:

Barulhento; Trabalhador; Patriota; Pouco desenvolvido fisicamente; Respeitador das leis, regulamentos e normas; Não valoriza o tempo; Valoriza sua origem étnica (portuguesa, negra e indígena); Fiel aos princípios religiosos; Ordeiro (do ponto de vista legal); Fatalista; Como Povo tem boa saúde; Imprevidente.

O questionário final contou com trinta e seis traços e os três níveis de decisão já relacionados. Uma cuidadosa instrução foi elaborada para a leitura dos Ss ou lidas para os Ss - quando não sabiam ler como também uma folha para tomada de dados referentes a cada Ss da amostra.

3.1.1 - Aplicação

O questionário foi aplicado, por dois pesquisadores, em regiões da cidade de Ribeirão Preto, que concentraram populações de renda baixa e média. A aplicação foi

conduzida nas residências, locais de trabalho e mesmo em via publica. Evitou-se a entrega do questionário para ser respondido e devolvido posteriormente, devido ao alto índice de perda. O Ss era informado da finalidade do estudo, tempo aproximado da demora e que sua resposta seria mantida em sigilo. Durante a aplicação, o pesquisador explicava, em termos comportamentais, traços cujo significado era desconhecido ou obscuro para o Ss. De uma forma geral, os Ss receberam muito bem o estudo.

### 3.1.2 - Amostra

A amostra, até o presente, está constituída de 163 Ss, sendo 66 Ss do sexo masculino e 97 Ss do sexo feminino. Quanto ao estado civil, 85 Ss são casados, 66 solteiros, 4 Ss viúvos, 6 Ss desquitados, 1 Ss divorciado e 1 Ss se declarou amasiado. Quanto à nacionalidade, 159 Ss são brasileiros, 1 Ss brasileiro naturalizado e 3 Ss são estrangeiros. A escolaridade dos Ss da amostra é a seguinte: 9 analfabetos; 45 Ss do 1º grau, tendo 27 Ss não completado este grau; 59 Ss do 2º grau, com 8 Ss sem completar este grau; 50 Ss do 3º grau, tendo 15 Ss não completa do. A religião Católica é a dominante. Os Ss tiveram uma distribuição etária entre 18 e 60 anos de idade.

A amostragem utilizada foi de improbabilidade, sendo, portanto, acidental, em que se tentará - a pesquisa está em andamento - atingir uma quota arbitrária de Ss por classe de atividades, segundo o que propõe Sellitz (1965). As classes de atividades escolhidas foram as seguintes: Agricultura, Administração Publica, Bancários, Comércio, Donas-de-Casa e Domesticas, Estudantes, Aposentados, Indústria, Construção Civil, Professores, Profissionais liberais, outras.

## 4. Resultados e Discussão.

O exame da Tabela 1 permite, de uma forma geral, verificar que os traços atribuídos ao brasileiro por Gilberto Freyre e Sergio B. de Holanda, apresentam um percentual alto de concordância na nossa amostra. Os traços que obtiveram, respectivamente, a mais alta e a mais baixa concordância foram os seguintes: Gosta de piadas picantes, 95.7% e Como Povo, tem boa saúde, 24.5%. Do total de 36

traços pode-se verificar que dezessete traços obtiveram alta concordância e seis traços alta discordância.

TABELA 1

---

TRAÇOS	Conc.	% N.Op.	Disc.
1. Tolerante	66.2	8.6	25.1
2. Barulhento	79.1	4.9	15.9
3. Sem preconceito racial	34.9	4.9	60.1
4. Hospitaleiro	79.7	11.6	8.6
5. Trabalhador	52.1	12.8	35.0
6. Patriota	51.5	9.2	39.2
7. Sem preconceito religioso	42.9	10.4	46.6
8. Imitador do estrangeiro	78.5	4.9	16.5
9. Pouco desenvolvido fisicamente	56.4	12.8	30.6
10. Alegre	89.5	3.0	7.3
11. Respeitador das leis, regulamentos e normas	25.7	4.3	69.9
12. Não valoriza o tempo	63.8	10.4	25.7
13. Imprevidente	65.0	14.1	20.8
14. Disciplinado	28.2	8.5	63.1
15. Como Povo tem boa saúde	24.5	7.9	67.4
16. Sádico quando está no Poder e Masoquista quando está "por baixo"	71.1	15.9	12.8
17. Animista	63.1	17.1	19.6
18. Acredita no sobrenatural	75.4	12.2	12.2
19. Gosta de piadas picantes	95.7	2.4	1.8
20. Personalista	52.7	14.1	33.1
21. Erótico	79.7	8.6	11.6
22. Gosto da ostentação	79.7	10.4	9.8
23. Cultura sentimentalmente ou misticamente a figura do pai	55.8	20.8	23.3
24. Valoriza sua origem étnica (portuguesa, negra e indígena)	41.1	11.0	47.8
25. Tem complexo de refinamento	66.8	11.6	21.4
26. Cordial	75.4	6.1	14.4
27. Individualista	68.1	9.8	22.0

Cont.

---

Continuação - TABELA 1

28. Sua inteligência é mais ornamento e prenda	59.5	12.2	28.2
29. Aventureiro	74.2	7.3	18.4
30. Desejoso de posições e riqueza fáceis	88.3	3.0	8.6
31. Ansioso de subir a qualquer custo	77.9	6.7	15.3
32. Ordeiro (do ponto de vista legal)	55.2	8.6	36.2
33. Cultor da personalidade	44.1	12.8	42.9
34. Não tem hierarquia	52.1	12.2	35.6
35. Fatalista	73.0	11.6	15.3
36. Fiel aos princípios religiosos	40.4	11.0	48.4

São eles os seguintes: *Concordância* - gosta de piadas picantes, desejoso de posições e riqueza fáceis, alegre, hospitaleiro, barulhento, gosto da ostentação, imitador do estrangeiro, ansioso de subir a qualquer custo: aventureiro, fatalista, acredita no sobrenatural, sádico quando está no poder e masoquista quando está "por baixo" individualista, não valoriza o tempo.

Os traços com significativa discordância são os seguintes: sem preconceito racial, respeitador das leis, regulamentos e normas, disciplinado, como povo tem boa saúde, e, com menor discordância os seguintes: valoriza sua origem étnica e fiel aos princípios religiosos. Observou-se, portanto, uma confirmação de nove traços dos indicados por Gilberto Freyre, e, sete dos oito traços indica dos por Sergio B. de Holanda. Para nossa amostra, o brasileiro continua cordial, e, o que é mais surpreendente: alegre, contrariando as teses de Paulo Prado (1928) e a situação social em que vivemos.

Outro dado característico desta amostra é que os Ss optaram com baixa frequência para a coluna "não tenho opinião", sugerindo, portanto, que os mesmos têm uma imagem social do brasileiro. O traço onde se observou maior concentração naquela coluna foi "cultua sentimentalmente ou misticamente a figura do pai". Esta dificuldade dos Ss

foi verbalizada muitas vezes quando respondiam ao questionário. Diziam, por exemplo, coisas como esta: "As gerações mais velhas cultuavam. As mais novas não estão nem aí".

Confirmando, por outro lado, o que de nós já disse Alceu Amoroso Lima de que somos hipocritamente racistas, a amostra discorda 60,1% de que o brasileiro não tenha preconceito racial. Estes dados vêm também de encontro aos que obteve Rodrigues no Rio de Janeiro (1984). Surpreendentemente, os dados também sugerem um possível preconceito religioso exercido pela maioria católica contra os crentes de outras religiões.

Este perfil provisório do brasileiro, cujos limites de interpretação devem ficar na região de Ribeirão Preto, mostram dados que vão de encontro com a literatura do caráter nacional. Provisoriamente, é possível detectar uma personalidade modal onde existem e coexistem traços como de uma forte religiosidade coexistindo com frequentes conflitos com uma sensualidade maior que vem dos tempos coloniais. Há também uma sugestão, ao nível psicológico, de uma personalidade autoritária onde o sadismo e o masoquismo se expressam na situação de Poder. A pouca valorização do tempo, a imprevidência aparecem para confirmar a já hoje institucionalizada impontualidade brasileira.

Naturalmente, sem que fossem provocados, muitos Ss da amostra revelaram um grande inconformismo com o que o brasileiro é hoje. Verbalizavam desejo de mudança. Mas se isto será feito algum dia e em que direção, é uma questão para as futuras gerações.

Finalmente, quando os pesquisadores tiverem concluído este estudo, verificar-se-á por uma análise estatística se existem diferenças no perfil do brasileiro por Ss de sexos diferentes, escolaridade, regiões do Brasil, níveis sócio-econômicos e faixas etárias.

\*\*\*

Referências

1. Dufrenne, M. La Personnalité de Base. Paris, Presses Universitaires de France, 1959.
2. Inkeles, A., Levinson, D.J. National Character: The Study of Modal Personality and Sociocultural Systems. In: The Handbook of Social Psychology. 2nd ed, Reading, Massa., Addison-Wesley, 1969.
3. Freyre, G. Interpretação do Brasil. Trad. Olivio Montenegro. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.
4. From, E. Escape from freedom. New York, Rinehar, 1941.
5. Holanda, S. B. Raízes do Brasil. Prefácio de Antonio Cândido, 15a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.
6. Klinebert, O. Psychologie et caractère national. Rèvue de Psychologie des Peuples, 1, janeiro, 1948.
7. As Diferenças Raciais. Trad. Giaconda Mussolini, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966.
8. Kardiner, A. The concept of basic personality structure as an operational tool in the social science. In: Haring, Douglas, G. (Eds) Personal Character and Cultural Milieu. Syracuse, Syracuse University Press, 1948, pags. 431-447.
9. Kardiner, A., Linton, R., Du Bois, C. e West, J. The Psychological Frontiers of Society. New York. Columbia University Press, 1945.
10. Leite, Dante Moreira. O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia. 3a. ed., Pioneira, São Paulo, 1976.
11. McDavid, J. W. and Harari, H. Psy-chology and Social Behavior. New Vork, Harper & Row, 1974.
12. Mata, Carlos C. Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974), São Paulo, Ática, 1977.

13. Prado, Paulo. Retrato do Brasil: Ensaio sobre a Tristeza Brasileira. Ed. Dupra-Mayença, São Paulo, 1928.
14. Rodrigues, A. Some Social-psychological Characteristics of Brazilians. In: XXIII International Congress of Psychology, Acapulco, Mexico, 2-7 september, 1984.
15. Selltiz, C., Jahoda M., Deutsch, M. e Cook, S.M. Métodos de pesquisa das Relações Sociais. Trad. Inah de Oliveira Ribeiro, São Paulo, Ed. Helder, 1965.



## NOTICIÁRIO DA ABRAPSO

A **ABRAPSO** esteve presente na 38ª Reunião Anual da SBPC, em Curitiba-PR, durante julho-86.

Participou com um curso sobre Mudanças Políticas no Brasil (Prof. Dr. Salvador Sandoval, Prof. Dr. David Fleischer, Prof. Marcos Goursand de Araújo); uma mesa-redonda sobre Dogmatismo na Psicologia; um simpósio sobre Organização Comunitária e práticas de intervenção do Psicólogo (prof. Alberto Asib Andery, Rosa Cristina Monteiro); um simpósio sobre Questionamentos em torno das atividades de estágio em Psicologia Organizacional (Prof. Dr. Sigmar Malvezzi, Prof. Jose C. Zanelli, Prof. Celso Correa e Prof. Carlos Perano); um simpósio sobre a Questão Epistemológica e Metodológica na Pesquisa em Psicologia Social (Prof. Brígido V. Camargo, Prof. Dirceu Malheiros, Profª Rosa Nader e Profª Clélia Schulze). Tivemos ainda, nossa Assembléia Geral Anual.

Além do número de atividades que pudemos organizar, resultante dos trabalhos de pesquisa realizados por nossos sócios e convidados, pôde-se ressaltar a grande afluência de interessados nesses trabalhos (tivemos sempre entre 70 e 100 espectadores não passivos, mas questionadores, participantes com opiniões e experiências para trocar).

Esperamos poder continuar e progredir nas nossas futuras realizações!

Aos interessados nos trabalhos, podemos colocar em contacto com os participantes: mande-nos sua carta e nós a remeteremos ao autor em questão.

A nossa Assembléia Geral foi realmente importante: tratou dos estatutos, que vinham sendo discutidos nas Assembléias Regionais e na Reunião de Diretoria de maio 86. A forma final desses estatutos está transcrita neste número da Revista para conhecimento de todos os associados e demais interessados. (ver anexo)

Outro item importante da pauta da Assembléia Geral foi o da anuidade já que os novos estatutos mudaram sua forma de aprovação. A anuidade para o período julho-86 ate junho-87 foi fixada em 2 (duas) OTNs, o que, no momento, significa o total de Cz\$ 212,00 (duzentos e doze cruzados). Durante este período os associados receberão no mínimo 2 (dois) números da Revista (e este e o 1º deles: você está em dia?); continuarão gozando de descontos nos nossos Encontros, dos quais participar e estará em dia com a nossa Psicologia Social (vamos colaborar para continuar a existir?).

E já em 07-08-09 de novembro de 1986, acontecerão em Belo Horizonte-MG, o II Encontro Nacional da ABRAPSO. Você está convidado a apresentar trabalhos na área de Psicologia Social e suas relações com Saúde, Educação, Psicanálise, Arte e Cultura, Psicologia Comunitária e Ecologia Humana, Violência, Política.

Inscreva-se, entrando em contacto com a FAFICH-UFGM Depto. de Psicologia Social - Rua Carangola, 288 - Bairro Santo Antonio - Belo Horizonte-MG. (Você deve mandar um resumo do seu trabalho. Para maiores informações, entre em contacto com sua Regional, ou com a própria secretaria do Encontro).

Participar é também escrever para a nossa Revista!

Mande seu artigo, relato de experiência, ponto-de-vista teórico!

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO:

E não se esqueça! ELEIÇÕES!

Constituinte? Também!

Mas, as nossas eleições devem ocorrer em julho-87, durante a Assembléia Geral, na SBPC. Uma comissão eleitoral deverá ser formada a partir do Encontro Anual de Novembro-BH. Você é parte atuante de um grupo de sócios da ABRAPSO, cuja regional está pronta para trabalhar como sede Nacional pelos próximos dois anos?

Então, prepare-se! As normas para as eleições chegarão após o Encontro de Novembro!

\*\*\*

**ESTATUTO DA ABRAPSO**

(Conforme aprovado na Assembléia Anual, realizada, na SBPC - dia 14/07/86)

**ART. 1º** - A Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), fundada em 10 de julho de 1980, é uma sociedade civil, autônoma, com fins não lucrativos, com duração por prazo indeterminado, com sede na cidade de residência de seu presidente, eleito, para cada período, e destinada a congregar pessoas que se interessam pelo desenvolvimento da Psicologia no Brasil.

**§ ÚNICO** - No momento de sua criação, a ABRAPSO é sítua à Rua Ministro de Godoy nº 1.029 - 3º andar - sala 326, no Bairro Perdizes, de CEP 05015, no Município de São Paulo, São Paulo.

**ART. 2º** - A ABRAPSO TEM POR FINALIDADES:

a) garantir e desenvolver as relações entre pessoas dedicadas ao estudo, ensino, investigação e aplicação da Psicologia Social no Brasil;

b) propiciar a difusão e o intercâmbio de informações sobre o desenvolvimento do conhecimento e prática da Psicologia Social;

c) organizar conferências e cursos e promover a publicação de trabalhos de interesse para o desenvolvimento da Psicologia Social.

**ART. 3º** - Há três categorias de sócios: fundadores, titulares e acadêmicos.

**§ 1º** - São sócios fundadores as pessoas que tenham desempenhado papel importante na formação da ABRAPSO até a data de sua fundação e que tenham subscrito a respectiva ata.

**§ 2º** - São sócios titulares: os profissionais em qualquer área que, através do ensino, investigação, aplicação ou difusão, estejam contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil.

**§ 3º** - São sócios acadêmicos os estudantes universitários não graduados, interessados no desenvolvimento da Psicologia Social.

**ART. 4º** - Somente serão considerados sócios da ABRAPSO aqueles que estejam quites com a Tesouraria, não havendo entre as diversas categorias qualquer distinção de direitos e deveres, exceto as previstas nos parágrafos abaixo:

§ 1º - A contribuição anual a ser paga pelos sócios acadêmicos será equivalente à metade da contribuição devida pelos sócios titulares e fundadores.

§ 2º - Os sócios acadêmicos não poderão ser eleitos para cargos do Conselho Diretor da ABRAPSO.

§ 3º - Os sócios de qualquer categoria serão submetidos a um período de carência de 6 (seis) meses dos seus direitos de votar e ser votado, a contar da data de sua admissão.

**ART. 5º** - são órgãos da Administração da ABRAPSO:

- a) O Conselho Diretor;
- b) A Diretoria;
- c) As Vice-Presidências Regionais.

**ART. 6º** - O Conselho Diretor é constituído pelos membros da Diretoria e por todos os Vice-Presidentes Regionais.

§ ÚNICO - O Conselho Diretor reunir-se-à, ordinariamente, uma vez por semestre, e cabe ao Conselho as Resoluções quanto às execuções gerais da política científica adotada pela Associação.

**ART. 7º** - A Diretoria da ABRAPSO é constituída de cinco membros eleitos bienalmente dentre os titulares e fundadores, sendo permitida a reeleição, apenas por uma vez, sendo as seguintes as funções dos Diretores: Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro.

§ 1º - O presidente, 1º secretário e 1º tesoureiro deverão residir em cidades geograficamente próximas, que permitam estreito e assíduo contacto entre os componentes.

§ 2º - Para os demais membros da Diretoria fica facultada a exigência do parágrafo 1º.

§ 3º - São atribuições da Diretoria, resolver quanto às atividades científicas a serem promovidas pela Associação,

participação da Associação em eventos científicos ou não, convocação da Assembléia Ordinária dos associados para consultas e resoluções que considerar necessárias.

§ 4º - Cabe ao Presidente a representação oficial da Associação; presidir as Assembléias da Associação e assinar cheques e documentos referentes às transações financeiras de Associação; cabe ao 1º secretário e no impedimento deste, ao 2º secretário, a organização e arquivo de atas e documentos da Associação; cabe ao 1º tesoureiro e, no impedimento deste, ao 2º tesoureiro a administração dos bens móveis e imóveis e demais recursos materiais e financeiros da Associação, podendo representá-la frente a instituições financeiras regulares do país, através da emissão e assinatura de documentos e cheques; os cheques e documentos financeiros da Associação deverão ser assinados pelo 1º Presidente e 1º Tesoureiro e nos impedimentos destes respectivamente, pelo 1º Secretário e 2º Tesoureiro.

**ART. 8º** - Haverá tantos Vice-Presidentes Regionais quantos forem as Regionais definidas em Assembléia Ordinária.

§ 1º - Na determinação da quantidade de Regiões e na delimitação das áreas respectivas, será considerada a existência de núcleos com instituições e pessoas envolvidas em atividades no campo da Psicologia Social.

§ 2º - Tendo em vista as características locais, cada Regional poderá formar uma Equipe para auxiliar o Vice-Presidente em suas funções, através de eleição entre os membros da Região.

§ 3º - Os Vice-Presidentes Regionais serão eleitos bianualmente dentre os titulares e fundadores, sendo permitida a reeleição apenas uma vez, devendo tanto os candidatos quanto os eleitores serem pertencentes à mesma Região.

§ 4º - Cabe aos Vice-Presidentes Regionais organizar e representar a Associação, científica e administrativamente, na sua Região.

**ART. 9º** - Os membros do Conselho Diretor serão eleitos em cada biênio pela Assembléia Geral Ordinária, segundo as normas eleitorais vigentes.

§ 1º - No caso de eleição de substitutos para quaisquer cargos vagos, seja por morte, renúncia ou outros motivos,

a escolha poderá ser feita pelo Conselho Diretor, que deverá submetê-la à apreciação da próxima Assembléia Geral.

**ART. 10** - A Assembléia Geral reunir-se-á ordinariamente, uma vez por ano; durante os encontros realizados pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), constituindo-se no órgão supremo de deliberação da ABRAPSO.

**§ ÚNICO** - Poderá ser convocada extraordinariamente a Assembléia Geral em qualquer época, seja pelo Presidente, seja pela maioria do Conselho Diretor, seja pela maioria dos sócios de uma Região. O local da Assembléia Geral deverá ser aceito pela maioria das Regionais.

**ART. 11** - Os recursos da ABRAPSO serão provenientes:

a) das contribuições anuais dos seus sócios, cuja importância será determinada pela Assembléia Geral;

b) da receita obtida com a realização dos cursos, conferências etc.;

c) de doações, ligados, subsídios e outros ingressos que recebam aprovação do Conselho Diretor.

**§ 1º** - Anualmente, o Conselho Diretor deverá elaborar um plano orçamentário, em que estejam previstas as formas de participação das Regionais, seja na receita, seja na despesa.

**§ 2º** - Ao final de sua gestão, o Conselho Diretor deverá elaborar relatório de suas atividades, com prestação de contas circunstanciada, submetendo-o a aprovação da Assembléia Geral Ordinária.

**ART. 12** - Nenhum membro do Conselho Diretor receberá remuneração pelas tarefas que desempenhar na ABRAPSO, podendo, contudo, ser feito o reembolso de gastos feitos em benefício da entidade, desde que haja prévia autorização do Conselho Diretor.

**ART. 13** - A filiação da ABRAPSO a qualquer outra entidade científica e/ou de qualquer espécie deverá se processar a partir de consulta às Regionais e aprovação em Assembléia Geral.

**ART. 14** - A ABRAPSO, cuja duração é por prazo indeterminado, poderá ser dissolvida, por decisão de sua Assembléia Geral, desde que a mesma tenha sido adotada pelo menos por dois terços dos sócios com direito a voto.

**ART. 15** - Estes Estatutos poderão ser modificados mediante a prévia apresentação de proposta elaborada pela Diretoria, por uma Vice-Presidência Regional, ou por um grupo de representante pelo menos dez por cento dos sócios da ABRAPSO, devendo essa proposta ser submetida a apreciação de todos os sócios, que se manifestarão, através de reuniões regionais, cabendo ao Conselho Diretor apurar os resultados da votação em todas as regiões, sendo aprovadas as mudanças propostas que recebam manifestação favorável da maioria dos sócios da ABRAPSO.

**ART. 16** - O não cumprimento dos estatutos e regulamento da ABRAPSO e seu uso indevido, conforme constante dos regimentos, serão causa suficiente para a remoção de funções, ou exclusão de afiliação a esta Associação.

**§ 1º** - As penalidades previstas neste artigo serão conhecidas e aprovadas pela Assembléia Geral.

**§ 2º** - Enquanto não se reunir em Assembléia Geral para efeito do previsto no parágrafo anterior, o Conselho Diretor poderá aplicar pena de suspensão, sempre que a gravidade da falta assim recomendar, diligenciando aquele órgão para a realização da Assembléia o mais rápido possível.

**ART. 17** - Em caso de dissolução da sociedade, seu patrimônio social será revestido em favor da Associação cultural a ser escolhida em Assembléia Geral final.

**ART. 18** - Os sócios de qualquer categoria não respondem solidária ou subsidiariamente pelas obrigações sociais da Associação.

**ART. 19** - A Associação tem foro no município de São Paulo.

\*\*\*



ABRAPSO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL

Centro de Ciências Humanas - PUCSP

R. Ministro Godoy, 969 - CEP. 05015

São Paulo - CAPITAL